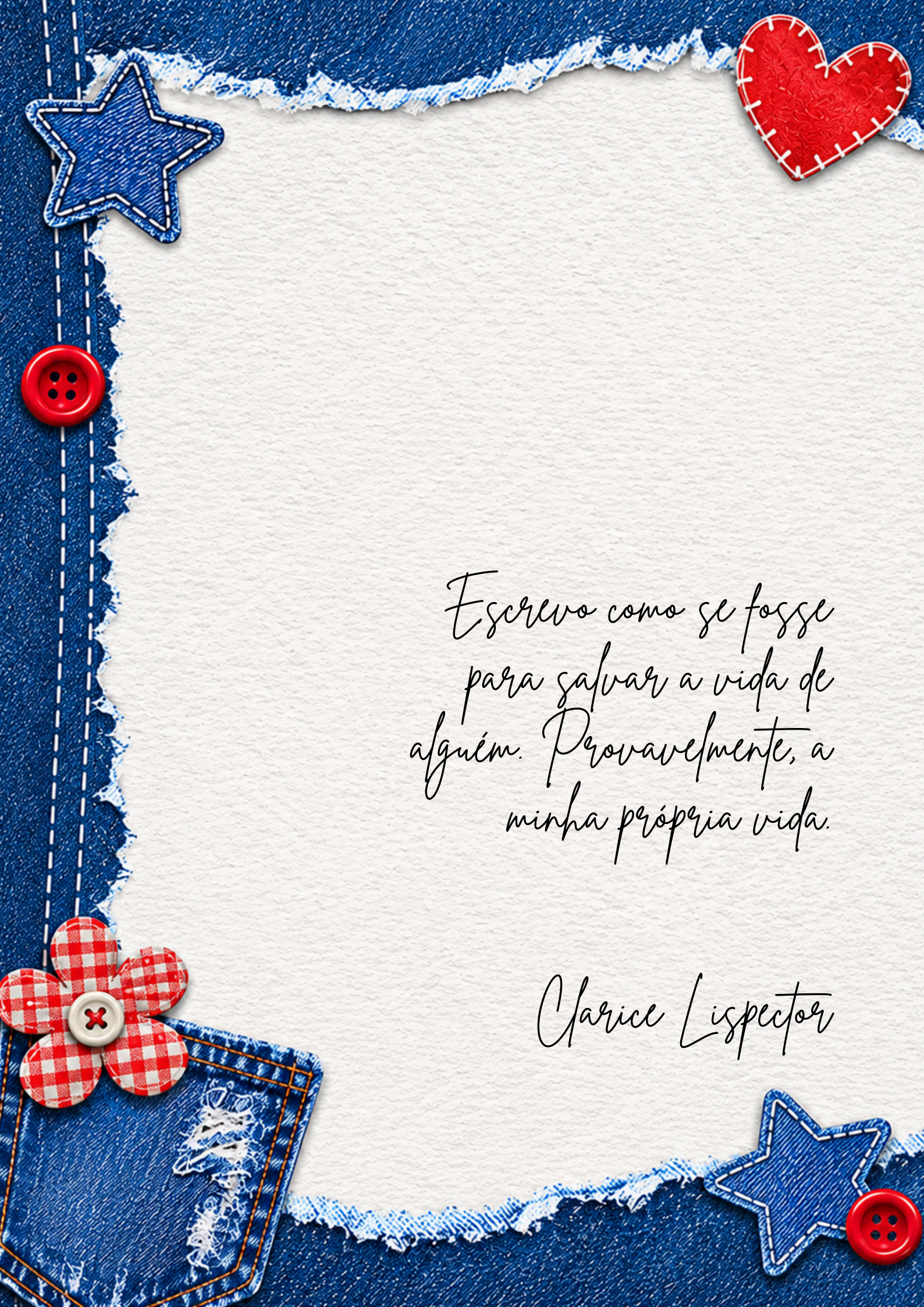
fala tu!
ISSN 3086-111X | VOL. 2, N. 7, 2026

CRÔNICAS DE APRENDIZAGEM: o sentir, o narrar e o aprender




Escrevo como se fosse
para salvar a vida de
alguém. Provavelmente, a
minha própria vida.
Clarice Lispector

Organizadoras desta edição
Patrícia Silva Rosas de Araújo DME/CE/UFPB
Maria Graciele de Lima DME/CE/UFPB
Nádia Jane de Sousa DHP/CE/UFPB

ISSN 3086-111X

É permitido compartilhar este material — copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato — desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC BY-NC-ND. Os conceitos, hipóteses, opiniões, conclusões e recomendações apresentadas são de inteira responsabilidade dos autores, assim como a indicação e utilização de fontes bibliográficas, iconográficas, tabelas e/ou gráficos. As ideias aqui expressas não refletem, necessariamente, a visão da Fala Tu!

EXPEDIENTE

Editora-chefe
PatríciaSilvaRosas de Araújo DME/CE/UFPB

Editoras adjuntas
Fabrini Katrine daSilva Bilro DME/CE/UFPB
Gilvete de Lima Gabriel DME/CE/UFPB/UFRR

Comissão Editorial
Adlene Silva Arantes | UPE
Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel | UPE
Dieison Prestes da Silveira | UFPB
Josué Carlos S. Santos | USP
Manassés Morais Xavier | UFCG
Maria Graciele de Lima | UFPB
Maria Margareth de Lima | UFPB
Maricélia Ribeiro Jorge | PMCG
Monique Alves Vitorino | UPE

Colaboração Editorial Estudantil| UFPB
Hugo Darlyson de Araujo Andrade

Editoração
Patrícia Silva Rosas de Araújo

Conselho Consultivo

Amasile Coelho L. C. Sousa | UEPB
Ana Cláudia de França | UFPE
Cícero Pedroza Silva | UFPB
Haila Ivanilda da Silva | UFPE
Isabelle de Araújo Pires | PMCG
Jéfferson Luiz B. L. Silva | UFPB
João Gilberto Farias Silva | UFPE
Josias Ferreira da Silva | UERR
Luciano Nascimento | UEPB
Maria Leogete Joca da Costa | UFRR
Maria Lúcia. F. de Figueiredo Barbosa | UFPE
Rejane Dias da Silva | UFPE
Roziane Marinho Ribeiro | UFCG
Sebastião Monteiro Oliveira | UFRR
Tânia Guedes Magalhães | UFJF
Thayana Priscila Domingos da Silva |UFPB
Vera Lúcia Chalegre de Farias |UPE

Responsável Técnico/Suporte
AldenoraGiovana da Silva | UFPB
Maria Dayane Lira Dantas | UFPB

Endereço Editorial
Fala Tu! Contato:
contatorevistafalatu@gmail.com
Centro de Educação – Universidade Federal da Paraíba - Cidade Universitária – Campus I CEP 58059-970
João Pessoa, PB – Brasil

EDITORIAL

A sala de aula por dentro: aprender, viver e narrar

Uma aula nunca se resume ao conteúdo planejado, às leituras indicadas ou às anotações feitas no caderno. Entre uma discussão, uma pergunta, uma lembrança, um silêncio e uma descoberta, também se constroem aprendizagens que, muitas vezes, só conseguimos reconhecer quando olhamos para o vivido e lhe damos forma por meio das palavras.

As crônicas de aprendizagem reunidas nesta edição são produções de estudantes do Curso de Pedagogia, turno noturno, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I. Nelas, cada estudante revisita experiências vividas na disciplina Linguagem e Interação, transformando aulas, leituras, seminários, diálogos e acontecimentos aparentemente cotidianos em narrativas de reflexão e descoberta.

Ao percorrer estes textos, o leitor e a leitora encontrarão diferentes caminhos de aprendizagem. Há reflexões sobre linguagem, oralidade, leitura, escrita, escuta, interação, relações humanas e práticas pedagógicas, mas há também histórias pessoais, memórias, inquietações, encontros e experiências que atravessam a formação acadêmica. O conhecimento, nessas narrativas, não aparece distante da vida. Ele ganha sentido quando encontra as experiências de quem aprende, provoca questionamentos, desloca certezas e permite olhar para o mundo e para si mesmo de outras maneiras.

Este convite é, portanto, para entrar na sala de aula desses estudantes. Conhecer o que os mobilizou, o que descobriram, o que os inquietou e o que levarão consigo para a vida e para a docência. Cada crônica de aprendizagem abre uma porta para um processo singular, mas também nos aproxima de experiências que, em alguma medida, podem ser compartilhadas.

Que a leitura destas narrativas nos permita compreender que aprender não é apenas acumular conhecimentos, mas também transformar aquilo que vivemos, reconhecer o que nos atravessa e descobrir novos sentidos para nossa caminhada. Afinal, quando alguém escreve sobre o que aprendeu, não compartilha apenas uma experiência: abre espaço para que outras pessoas também aprendam com ela.

ISSN 3086-111X VOL. 2, N. 7, 2026


falatu!

SUMÁRIO

ALZIRA CAROLYNY LEAL AMORIM 5
A interação entre nossas afeições entre pessoas

ANA LOURDES DA SILVA DUARTE 7
Falar bem, falar errado

ANA LUISA LEMOS DOS SANTOS 9
O outro que habita em mim: vozes, afetos e diálogos na trama da vida

BRUNA HELLOANY FERNANDES EPAMINONDAS 9
Entre palavras e silêncios: o que aprendi ao ler sobre oralidade?

CECYLIA GABRIELLE OLIVEIRA COSTA 13
Por que olhar para o outro?

EMILLY PINTO MEIRELES 15
É poder da linguagem e a responsabilidade de ensinar

ELIZABETH MARIA DE ASSUNÇÃO 17
Entre a fala e o silêncio, a escuta ativa

FABIANA LUIZA DA SILVA SANTOS 20
Falar, ouvir e ocupar espaços

FRANCIELLY PEREIRA DE ASSIS 22
Minha mãe, suas tecnologias e uma aula que me fez ficar

JULIA FABIANA DE PONTES DA COSTA 24
A língua viva entre o texto e a sociedade

KATIA REGINA BARBOSA DA CUNHA 26
Das interações cambiantes na sala de aula ao improviso

KAUANE VITÓRIA PAULINO BRANDÃO 28
Sobre palíndromo, colagens e histórias ordinárias

LAURA GUIMARÃES SITCOVSKY 31
Nos dias apenas objetos, são formas do outro habitar em mim

LEIDIANE SILVA DE MORAIS 33
Tudo tem seu tempo: reflexões sobre a alteridade

LIDYANNE DE OLIVEIRA 35
Aprender a língua, sem desaprender a própria voz

LUZA MIRELLE LOPES DO NASCIMENTO 38
Uma sala de aula cheia de pessoas

MARIA EDUARDA DE ALMEIDA ARAÚJO 40
Uma florezinha vermelha

MARIA EDUARDA GALDINO DO NASCIMENTO 42
A preservação da face e as nuances da linguagem

MARIA ISABEL ALVES DA SILVA 44
Entre a vontade de falar e a importância de escutar

MARIA SUÊNIA GOMES DE OLIVEIRA 47
O professor não é o entregador de respostas

MARIA VITÓRIA FERREIRA DA SILVA 49
O texto depois da aula

MARIANA DE PONTES SILVA 52
Desconforto da literatura

MAYZA FELIX CUSTÓDIO 54
Descobertas sobre a oralidade

MEIRIELLY RAYANNE PEREIRA DA CRUZ 56
Escutar também é aprender

RAQUEL MARIA MARINHO CASADO 58
A história de um filho... e uma mãe

ROANNY EVELLYN SANTOS DE OLIVEIRA 61
A leitura do conto "Pai, conta mais" na sala de aula: um texto que incomoda e faz pensar

SEVERINA MARIA DA SILVA JUVÊNCIO 63
Trajetória e compreender: uma olhar para Cândido e Arminda

VITOR EMANUEL ARAUJO DE FARIAS 65
Bahtim: a escuta silenciosa

VITÓRIA MARIA DE MACÊDO 68
Uma roda de conversa, muitos aprendizados


falatu!

ALZIRA CAROLYNY LEAL AMORIM

A interação acontece nas relações entre pessoas

Quando a professora da disciplina de Linguagem e Interação propôs que escrevêssemos uma crônica de aprendizagem sobre uma aula que nos marcou, logo me lembrei do encontro do dia 15 de setembro de 2026. Naquela ocasião, estudamos o texto *Interação*, de Maria Lúcia Castanheira, que me fez refletir sobre algo sempre presente em minha vida, mas que até então eu não havia compreendido com tanta profundidade.

Durante a leitura, comecei a pensar em minha própria história e em como a educação sempre fez parte dela. Sou filha de uma pedagoga que, há 34 anos, mantém uma escola de educação infantil. Na verdade, praticamente toda a minha família trabalha na área da educação. Cresci vendo minha mãe e outras mulheres da família ouvirem, acolherem, aconselharem e buscarem compreender diferentes pessoas. Desde pequena, acompanhei conversas, experiências e relações construídas no ambiente escolar, mas, por muito tempo, não enxerguei a dimensão de tudo aquilo.

Curiosamente, apesar de ter crescido nesse meio, nunca tive vontade de cursar Pedagogia. Talvez, por estar tão familiarizada com a realidade escolar, não conseguisse perceber tudo o que existia por trás do trabalho de um educador. Entretanto, quando iniciei o curso e passei a estudar os diferentes aspectos da educação, minha maneira de enxergar a Pedagogia foi mudando. Comecei a compreender situações que antes apenas observava e a perceber que educar vai muito além de ensinar conteúdo.

Foi justamente nesse momento que o texto de Castanheira (2004) despertou minha atenção. Ao estudar a interação como uma ação recíproca entre as pessoas, compreendi que estamos nos relacionando o tempo inteiro, seja por meio da fala, da escrita ou de outras formas de comunicação. A autora explica que, nesses encontros, “realizamos ações que têm consequências para os participantes e que influenciam a maneira como nos vemos e vemos os outros” (Castanheira, 2004, p. 1).

Essa reflexão me chamou a atenção porque me fez perceber que uma simples conversa, uma palavra de incentivo ou a maneira como ouvimos alguém podem influenciar a forma como essa pessoa se sente e se relaciona com o mundo. A interação não acontece apenas quando falamos, mas também quando escutamos, acolhemos e demonstramos interesse pelo outro.

Outro ponto importante do texto foi a relação entre interação e alfabetização. Compreendi que a alfabetização e o letramento são processos sociais, construídos a partir da participação das pessoas em diferentes situações de leitura e escrita, dentro e fora da escola. Isso me fez perceber que a aprendizagem não acontece de maneira isolada, pois as relações e experiências sociais também participam da construção do conhecimento.

O texto também me levou a refletir sobre o papel do educador e a responsabilidade de suas práticas. É necessário compreender o contexto social de cada aluno e reconhecer que nossas ações podem ampliar ou limitar suas oportunidades de aprendizagem. Cada criança possui uma história, experiências e maneiras próprias de se expressar. Por isso, o educador precisa estar atento não apenas ao que ensina, mas também à forma como escuta, acolhe e se comunica com seus alunos.

Ao relacionar essas reflexões com minha vivência, percebi que muitas das atitudes que observei durante toda a vida no ambiente escolar tinham um significado muito maior do que imaginava. Quando via minha mãe ou outras mulheres da família ouvindo alguém com atenção,

acolhendo uma criança ou buscando compreender uma dificuldade, estava presenciando, na prática, a importância da interação nas relações humanas e na educação.

Essa percepção também me fez pensar na profissional que desejo me tornar. Embora, neste momento, não tenha como principal objetivo atuar diretamente em sala de aula, quero contribuir com a equipe pedagógica e participar do desenvolvimento da escola. Independentemente do espaço que ocuparei na educação, sei que precisarei saber ouvir, dialogar, respeitar diferentes opiniões e compreender as necessidades de cada pessoa.

Levo dessa experiência a compreensão de que uma boa prática pedagógica também começa pela maneira como nos relacionamos com o outro. Quero ser uma pedagoga que não se preocupe apenas com os resultados da aprendizagem, mas que saiba acolher, incentivar e compreender crianças, professores e famílias. Afinal, uma palavra pode encorajar, uma conversa pode transformar uma situação e uma escuta atenta pode fazer toda a diferença na vida de alguém.

Talvez o mais interessante dessa experiência seja perceber que passei grande parte da minha vida em um ambiente educacional, mas foi durante a formação em Pedagogia que comecei a compreender verdadeiramente a importância de tudo aquilo que sempre presenciei. Hoje, consigo olhar para minha própria história com outros olhos e reconhecer que a educação também se constrói diariamente nas pequenas relações.

Por fim, a aula me fez entender que a interação vai muito além das palavras que pronunciamos ou escrevemos. Ela está na maneira como ouvimos, acolhemos, ensinamos e nos fazemos presentes na vida do outro. É essa compreensão que desejo levar comigo ao longo de minha trajetória na educação, pois ser pedagoga também significa entender que, antes de ensinar alguém, precisamos aprender a nos relacionar com esse alguém.

Referência

CASTANHEIRA, Maria Lúcia. *Aprendizagem contextualizada*: discurso e inclusão na sala de aula. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2004.

ANA LOURDES DA SILVA DUARTE

Falar bem, falar errado

No dia 15 de setembro de 2026, na aula de Linguagem e Interação da professora Patrícia Soares, no curso de Pedagogia da UFPB, apresentei à turma o artigo de Maria Lúcia Neder sobre polifonia. A disciplina vinha nos levando a pensar a linguagem como algo que acontece entre as pessoas, e o texto chegou como uma pergunta direta: que ideia de língua um professor carrega para a sala de aula, mesmo sem perceber?

Li o artigo achando que ia aprender sobre gramática. Aprendi sobre gente. Neder, professora de Letras da UFMT, parte de sua pesquisa de mestrado sobre o fracasso escolar e afirma que o suporte teórico do professor sobre linguagem "é fundamental para o encaminhamento de seu ensino, mesmo que ele não tenha consciência disso" (NEDER, s.d., p. 71). Apoiada em Geraldi, ela reúne as concepções em três tendências: a linguagem como expressão do pensamento, como comunicação e como processo de interação verbal. De cada uma nasce um tipo de gramática e um jeito de ensinar.

Enquanto lia, fui lembrando da escola. Das vezes em que ouvi que falar "nós foi" era feio, que o jeito de falar da minha casa precisava ser trocado por outro. O artigo dá nome a isso: no ensino prescritivo, "induz-se o estudante a substituir sua linguagem por outra 'melhor' elaborada" e as experiências dos alunos "são desconsideradas", pois são tidas como incorretas desde o início (NEDER, s.d., p. 85). Na primeira tendência, as formas que fogem do padrão "são consideradas erradas, não-língua" (NEDER, s.d., p. 82).

Na apresentação, foi isso que quis dizer à turma: cada realidade corresponde ao diálogo da criança. O jeito como ela fala carrega a família, o lugar, a história de onde veio e, por isso, não podemos repreendê-la. Isso não significa abrir mão de ensinar. A criança precisa conhecer a norma padrão, e o professor pode corrigir, mas corrigir ensinando é diferente de corrigir julgando. Neder diz que, na terceira tendência, "as variedades não são, dessa forma, erros, mas diferenças" (NEDER, s.d., p. 84).

Depois, deixei o resumo de lado e perguntei aos colegas que "erros" ainda ecoavam na cabeça deles, com a voz de algum professor. A sala ficou em silêncio por um instante, mas logo as histórias começaram. Uma colega contou que, na infância, foi corrigida diante da turma por falar como se falava em casa, e vários balançaram a cabeça: era a história de muita gente ali. Foi esse comentário que provocou o reconhecimento coletivo. Participei, então, ligando as falas ao que o texto chama de ensino produtivo, aquele que busca "colocar o aluno em situações efetivas de uso da língua" (NEDER, s.d., p. 88), em vez de trocar a fala do aluno por outra. Foi ali que o artigo deixou de ser leitura e virou conversa, exatamente o que ele defende.

O que levo para a minha prática docente?

Levo uma certeza simples, quem vai ensinar a língua precisa, antes de tudo, aprender a escutar. O aluno não chega vazio à sala de aula, chega falando, e é daí que o ensino começa. Na minha prática, quero corrigir sem humilhar, mostrando que existe outra forma, em que situação ela é usada e que a criança passa a ter mais uma maneira de se expressar, sem precisar abandonar

a sua. Quero também lembrar que a concepção de linguagem que carrego aparece em cada atividade que proponho e, por isso, preciso escolhê-la com consciência.

Referência

NEDER, M. L. C. Concepção de linguagem e ensino de língua portuguesa. *Polifonia*, Cuiabá, v. 1, n. 0, p.71-89, 1993. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1215. Acesso em: 7 abr. 2026.

ANA LUÍSA LEMOS DOS SANTOS

O outro que habita em mim: vozes, afetos e diálogos na trama da vida

No dia 10 de outubro de 2026, o que seria a última apresentação de trabalho acabou se transformando em uma experiência muito mais profunda do que imaginávamos. Durante a aula, a professora propôs uma dinâmica em que cada estudante deveria levar um objeto que o fizesse lembrar de outra pessoa e, a partir dele, compartilhar uma história ou lembrança. A proposta tinha como objetivo promover um momento de troca, escuta e aproximação entre os participantes da turma. Para esse momento, escolhi levar uma fotografia minha com meu noivo, sobre a qual coloquei a imagem do Homem-Aranha. A escolha tinha um significado especial para mim, pois meu noivo representa o exemplo de homem que admiro, alguém que cuida de mim e que considero meu herói. Além disso, o Homem-Aranha é o personagem favorito dele. Embora tivesse levado esse objeto com muito carinho, acabei não compartilhando minha história verbalmente, pois outros colegas foram tomando a iniciativa de falar. Mesmo assim, senti-me bastante empolgada e envolvida ao escutar cada relato. Percebi que também é possível participar de uma experiência de maneira significativa por meio da escuta, acolhendo aquilo que o outro escolhe compartilhar.

Entre tantas histórias, uma fala de uma colega me marcou especialmente. Ao compartilhar sua experiência, ela afirmou que nenhum professor faria com que desistisse de seus estudos por causa de sua filha, pois era justamente a pequena que representava sua força para continuar. Aquela fala despertou em mim uma reflexão sobre os diferentes desafios que cada pessoa enfrenta para alcançar seus objetivos. Percebi que, por trás de cada estudante, existem histórias, responsabilidades, sentimentos e motivos que nem sempre conhecemos. Uma simples fala foi capaz de provocar uma descoberta, pois muitas vezes aquilo que consideramos um obstáculo pode também representar nossa maior motivação para seguir em frente. Essa experiência me fez estabelecer uma relação ainda mais significativa com o texto *Dos sujeitos enunciadores e seus contextos dialógicos: Bakhtin e seu outro*, de Humberto Ivan Keske. O texto aborda a perspectiva dialógica da linguagem, destacando como os sujeitos se constituem nas relações com os outros e como nossas experiências e formas de compreender o mundo são atravessadas por diferentes vozes. Uma passagem que dialoga diretamente com o que vivenciamos naquele encontro afirma que “nossa palavra já não mais nos pertence, pois já traz em si as marcas deixadas do contato com esse outro” (Keske, 2004, p. 13).

Ao relacionar essa ideia à dinâmica, compreendo que cada história compartilhada deixou marcas nos demais participantes. Mesmo sem ter falado sobre meu próprio objeto, fui atravessada pelas experiências dos colegas. A fala daquela estudante, por exemplo, passou a fazer parte das minhas próprias reflexões e me mostrou que o encontro com o outro também transforma a maneira como enxergamos determinadas situações.

Como futura professora, levo dessa experiência a importância de construir espaços de diálogo, acolhimento e escuta dentro da sala de aula. Compreendo que ensinar não significa apenas transmitir conteúdos, mas também reconhecer os sujeitos que estão presentes naquele espaço, suas histórias, seus sentimentos e suas diferentes realidades. Quero levar para minha prática docente a sensibilidade de compreender que cada aluno tem algo a dizer, mesmo quando não consegue expressar isso por meio das palavras. Afinal, uma sala de aula também é construída pelos encontros, pelas trocas e pelas marcas que deixamos uns nos outros.

No fim, aquela aula que seria marcada por apresentações de trabalhos acabou nos ensinando algo ainda mais significativo. Não precisamos necessariamente falar para aprender com o outro. Às vezes, basta estar disposto a ouvir, porque uma história que não é nossa pode despertar sentimentos, provocar descobertas e transformar a maneira como enxergamos o mundo.

Referência

KESKE, Humberto Ivan. *Dos sujeitos enunciadores e seus contextos dialógicos*: Bakhtin e seu outro. Disponível em: https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/134537311562961721360728023747328257436.pdf. Acesso em: 10.10.2026.

BRUNA HELLOANY FERNANDES EPAMINONDAS

Entre palavras e silêncios: o que aprendi ao ler sobre oralidade?

Na aula de Linguagem e Interação do dia 29 de setembro de 2026, uma discussão me fez refletir sobre algo que, muitas vezes, parece simples dentro da sala de aula, mas tem grande importância na formação dos estudantes, a maneira como nos comunicamos com as crianças.

Durante a discussão dos textos, especialmente quando estudamos as estratégias de cortesia e a preservação das faces, comecei a pensar nas situações que já vivenciei na área da educação. Nas atividades realizadas com crianças, percebi que nem sempre a dificuldade de participar está relacionada à falta de conhecimento. Muitas vezes, a criança precisa de mais segurança, de uma explicação diferente ou de um ambiente em que não tenha medo de expressar suas dúvidas.

Fiquei pensando em como uma correção feita diante de toda a turma pode constranger um estudante, fazendo com que ele prefira permanecer em silêncio a correr o risco de errar novamente. Uma fala que, para o professor, parece apenas uma orientação pode ter outro significado para quem a recebe. Foi nesse momento que compreendi melhor a importância da preservação das faces discutida por Messias (2020). O texto me ajudou a perceber que o cuidado com as palavras também faz parte da responsabilidade de quem ensina.

Outro ponto que chamou minha atenção foi a educação dialógica, abordada por Sobral e Giacomelli (2020). A leitura me levou a pensar na importância de reconhecer o outro como participante da interação. O professor não deve ser o único responsável por falar e conduzir a aula, pois o aluno também precisa ter espaço para participar, questionar, compartilhar suas experiências e construir conhecimentos.

Essa discussão também me fez lembrar das minhas vivências com as crianças e da importância de planejar atividades que despertem o interesse e possibilitem diferentes formas de participação. Entendi que não basta apresentar um conteúdo e esperar que todos aprendam da mesma maneira. É necessário observar, ouvir e reconhecer que cada criança possui seu próprio ritmo e suas particularidades.

A leitura foi outro aspecto importante da aula. A partir do texto de Kunz e Souza (2013), compreendi melhor a relação entre leitura e dialogismo. Ler não significa apenas reconhecer palavras, mas também construir sentidos, relacionar o texto com as próprias experiências e perceber as diferentes vozes que participam dessa construção. Nesse sentido, o professor exerce um papel importante como mediador, criando situações que despertem o interesse dos estudantes e aproximem a leitura de suas realidades.

Ao relacionar essas discussões com minha formação em Pedagogia, percebo que a prática docente exige muito mais do que domínio dos conteúdos. É preciso ter sensibilidade para compreender as necessidades dos alunos, responsabilidade ao utilizar a linguagem e disposição para ouvir antes de julgar ou corrigir.

O que levo dessa aula para minha futura prática docente é a vontade de construir um ambiente em que as crianças se sintam seguras para perguntar, participar e até mesmo errar. Quero ser uma professora que compreenda que uma dificuldade não define a capacidade de um estudante e que uma palavra pode tanto afastá-lo quanto incentivá-lo a continuar aprendendo.

No fim, fiquei com uma reflexão. Ensinar não é apenas saber o que dizer, mas também compreender como dizer e, principalmente, saber quando ouvir. Afinal, a educação vai além das palavras quando o professor entende que também precisa aprender a escutar.

Referências

MESSIAS, T. Estratégias de cortesia para a preservação das faces: uma breve análise de feedbacks veiculados em ambientes virtuais de aprendizagem. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 1, p. 32-42, jan./abr. 2020. DOI: 10.5935/cadernos letras. V. 20n1p32-42.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Por uma proposta de educação dialógica alteritária. *Línguas & Letras*, v. 21, n. 49, 2020. DOI: 10.5935/1981-4755.20200001.

KUNZ, M. A.; SOUZA, M. R. S. de. Leitura e dialogismo: implicações para o ensino. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 15, n. 25, dez. 2013.

CECYLIA GABRIELLE OLIVEIRA COSTA

Por que olhar para o outro?

Durante a aula que ocorreu em 06 de setembro de 2026, em que estudamos o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, tive a oportunidade de refletir sobre questões que vão muito além da história apresentada. A leitura fez parte de uma experiência de aprendizagem que me levou a pensar sobre as desigualdades sociais, a escravidão e, principalmente, a importância de olhar para as dificuldades do outro. Inicialmente, imaginei que seria uma narrativa sobre um pai e uma mãe enfrentando dificuldades para criar seus filhos. Porém, ao longo da leitura, percebi que a história apresentava uma realidade muito mais profunda e dolorosa.

O conto apresenta a história de Cândido Neves, um homem que trabalhava capturando pessoas escravizadas que fugiam de seus senhores. Ele era casado com Clara, e os dois enfrentavam dificuldades financeiras para sustentar a família. Com o nascimento do filho e a falta de recursos, Cândido chegou a considerar entregar a criança à Roda dos Enjeitados. Entretanto, durante uma de suas buscas, encontrou Arminda, uma mulher escravizada que também estava grávida e havia fugido em busca de liberdade. Ao capturá-la e entregá-la ao seu senhor, Cândido conseguiu receber a recompensa de que precisava para permanecer com o próprio filho.

O momento que mais me marcou foi o desfecho da história, principalmente quando Machado de Assis escreve “Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (Assis, 1906). Essa frase me fez parar e refletir sobre a maneira como Cândido conseguiu justificar para si mesmo o sofrimento de Arminda. Enquanto ele comemorava a possibilidade de continuar com seu filho, outra mãe enfrentava uma perda. Foi nesse momento que percebi o quanto a preocupação com os próprios problemas pode impedir alguém de enxergar a dor de outra pessoa.

Além da leitura, um dos momentos mais enriquecedores dessa experiência aconteceu durante a discussão em sala de aula, quando meus colegas compartilharam suas interpretações sobre o conto. Surgiram reflexões muito interessantes, principalmente sobre como, naquela época, a vida dos filhos das pessoas escravizadas e dos povos indígenas era desvalorizada pela sociedade. Um dos pontos que mais me chamou a atenção foi a reflexão sobre como Cândido colocou a vida e o futuro do próprio filho acima da vida do filho de Arminda. Para ele, seu filho precisava ser protegido e ter a oportunidade de viver com a família, mas o mesmo sentimento não foi considerado quando se tratava de outra mãe e de outra criança.

Essa discussão me fez perceber ainda mais a desigualdade presente naquela realidade e como a escravidão retirava não apenas a liberdade, mas também a dignidade e o reconhecimento da humanidade dessas pessoas. A leitura despertou em mim sentimentos de tristeza e indignação, pois Arminda também tinha sonhos, sentimentos e uma família que desejava proteger. Mesmo assim, sua condição de mulher escravizada fez com que sua liberdade e sua maternidade fossem desconsideradas. Embora Cândido também enfrentasse dificuldades, isso não apaga as consequências de suas escolhas. O conto mostra como a escravidão desumanizava pessoas e transformava suas vidas em algo que parecia não ter importância para a sociedade daquela época.

Como estudante de Pedagogia, essa experiência me fez refletir sobre a importância da educação na formação de pessoas mais conscientes, empáticas e capazes de respeitar o próximo. Levo dessa leitura e das discussões em sala o entendimento de que, como futura professora, preciso ensinar não apenas conteúdos, mas também contribuir para a construção de valores como respeito, solidariedade e empatia. É necessário ensinar as crianças a reconhecerem que

cada pessoa possui sua própria história, seus sentimentos e direitos, independentemente de sua origem ou condição social.

Terminei essa experiência pensando que, muitas vezes, estamos tão envolvidos com nossas próprias necessidades que esquecemos que outras pessoas também estão enfrentando suas lutas. A discussão com meus colegas ampliou minha compreensão sobre o conto e mostrou como diferentes interpretações podem enriquecer nossa aprendizagem. Por isso, acredito que uma das maiores lições dessa experiência de leitura na sala de aula foi compreender que olhar para o outro com sensibilidade, reconhecer sua dignidade e questionar as injustiças também são formas de educar.

Referência

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: ASSIS, Machado de**. Relíquias de casa velha**. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf. Acesso em: 19 abr. 2011. (Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1906).

EMILLY PINTO MEIRELES

O poder da linguagem e a responsabilidade de ensinar

Na noite nublada de 22 de setembro de 2026, apresentei um seminário à turma da disciplina Linguagem e Interação, ministrada pela professora Patrícia Rosas, no Curso de Pedagogia (noturno) da UFPB.

Para quem me observasse, talvez fosse apenas mais uma apresentação acadêmica, mas, para mim, aquela noite carregava um significado muito maior. Eu estava atravessada por angústias e preocupações, pois minha avó, que enfrentava um momento delicado de saúde, havia passado mal naquela manhã. Passei boa parte do dia no hospital ao seu lado e só saí de lá no último momento possível para conseguir pegar o ônibus para a universidade.

Entre o hospital e a universidade, refleti sobre a fragilidade da vida e o medo de perder as pessoas que amamos. Também percebi como as responsabilidades pessoais, emocionais e acadêmicas muitas vezes se sobrepõem ao nosso querer. No ônibus, compartilhei minhas inseguranças com alguns amigos e confessei que havia pensado em desistir da apresentação. Eu teria pouco tempo para estudar e estava emocionalmente cansada. Entretanto, o apoio dos meus colegas me fortaleceu e me fez compreender a importância de não enfrentarmos sozinhos os momentos difíceis.

Ao apresentar o seminário sobre interrupção/assalto ao turno de fala e o papel do gênero, percebi que aqueles conceitos estavam presentes em minhas próprias experiências. A linguagem não se limita às palavras ou aos conteúdos acadêmicos; ela também está na maneira como nos expressamos, somos ouvidos, ocupamos espaços e estabelecemos relações. A fala pode representar uma forma de poder, principalmente quando fatores como gênero, cor e idade influenciam a maneira como somos tratados.

Pensei em quantas vezes já fui interrompida e precisei me posicionar por ser uma mulher negra, jovem ou por ocupar determinados espaços acadêmicos e profissionais. Ao refletir sobre essas experiências, retomei as considerações de Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 49 *apud* Santana, 2018, p. 64), segundo a qual “interromper o outro é lhe cortar a palavra, é, portanto, lesar seu ‘território’ e ameaçar sua face”. Compreendi, assim, que a interrupção não afeta apenas a dinâmica da conversa, mas também pode comprometer o respeito e o reconhecimento de quem fala.

Essa questão também pode ser compreendida a partir de West e Zimmerman (2010 [1987], *apud* Santana, 2018, p. 63), que afirmam que as interrupções “não podem ser explicadas pela operação do sistema de tomadas de turno, e sim refletem a influência de fatores exógenos ao gerenciamento da tomada de turnos”. Essa perspectiva me fez perceber que as relações sociais também influenciam quem consegue falar e quem tem sua voz reconhecida. Afinal, falar não significa necessariamente ser ouvido. Santana (2018, p. 71) reforça essa reflexão ao afirmar que:

A violação do direito de fala pode estar relacionada a fatores que vão além da conversa propriamente dita, estendendo-se às identidades sociais de quem interrompe e de quem é interrompido, podendo inclusive estar atrelada a questões de gênero.

Essa ideia ampliou minha compreensão sobre a linguagem e me fez refletir sobre a importância de respeitar as diferentes vozes presentes nos espaços sociais e educacionais. Naquela noite, pensei também na responsabilidade que acompanha o conhecimento. Pensei na responsabilidade de ser filha de pais que não concluíram o ensino fundamental, mas que sempre buscaram proporcionar aos filhos o melhor dentro de suas possibilidades. Foram eles que me

deram asas para chegar ao ensino superior. Por isso, tornar-me professora representa não apenas uma conquista pessoal, mas também uma forma de gratidão por todos aqueles que contribuíram para minha trajetória.

Ser professora significa construir conhecimentos com outras pessoas, auxiliar as crianças na aprendizagem da leitura e da escrita e contribuir para que desenvolvam uma leitura crítica do mundo. É compreender que ensinar não consiste apenas em transmitir conteúdos, mas também em criar oportunidades para que cada estudante reconheça sua própria voz e aprenda a respeitar a voz do outro. Como futura docente, desejo contribuir para um ambiente em que todos possam participar e ser ouvidos.

Durante a aula, a frase “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”, conhecida no filme do Homem-Aranha, ganhou um significado especial para mim. Percebi que o conhecimento também é uma forma de poder e que ensinar exige responsabilidade na maneira como utilizamos aquilo que aprendemos. Pensei novamente na minha avó, nos valores que ela me transmitiu e nas marcas de sua presença na pessoa que estou me tornando.

Saí daquela aula com mais do que uma aprendizagem sobre língua, linguagem e conversação. Compreendi que o conhecimento transforma, mas também responsabiliza; que ensinar é assumir um compromisso com o outro; e que a linguagem está presente nos afetos, nos conflitos, nas interrupções, nos silêncios e na luta cotidiana para sermos ouvidos.

Naquela noite nublada, entre o medo de perder alguém que amo, a insegurança diante da apresentação e a responsabilidade de ocupar aquele espaço, percebi que algumas experiências nos fazem enxergar o conhecimento de outra maneira. Enquanto apresentava um seminário sobre o poder da linguagem, compreendi também o poder e a responsabilidade que carrego como futura professora. Afinal, as palavras não apenas expressam pensamentos: elas nos atravessam, nos transformam e, quando utilizadas com consciência, podem transformar a vida de outras pessoas.

Referência

SANTANA, Rebeca Rodrigues de. Interrupção/assalto ao turno, o papel do gênero e o efeito cultural. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v. 18, n. 2, maio/ago., 2018. Disponível em file:///C:/Users/CST/Downloads/11088-Texto%20do%20artigo-44001-47452-10-20180831%20(1).pdf Acesso em 22/03/2026.

ELIZABETH MARIA DE ASSUNÇÃO

Entre a fala e o silêncio, a escuta ativa

A aula de Linguagem e Interação do dia 15 de setembro de 2026, foi um daqueles encontros em que percebemos que aprender vai muito além de ouvir explicações e registrar informações no caderno. Naquele dia, o que parecia ser apenas uma atividade acadêmica acabou se tornando um momento de reflexão sobre a importância do diálogo na construção do conhecimento.

Minha equipe, composta por nove integrantes, apresentou uma roda de discussão sobre o tema *Língua, Linguagem e Ensino — concepções e interações*. Para orientar e nortear nossa reflexão, foram disponibilizados três textos para que a equipe realizasse a leitura e discutisse as ideias apresentadas. Embora alguns integrantes não pudessem comparecer, os três textos foram apresentados e discutidos pelos colegas presentes.

A princípio, fiquei um pouco apreensiva, por se tratar de textos de difícil compreensão. No entanto, durante a apresentação, percebi que havia muito mais a compartilhar do que palavras escritas no papel. Era o momento de trocar experiências e aprendizados! Cada participante trouxe suas opiniões, concepções e maneiras de compreender o assunto. A conversa foi ganhando vida, e aquilo que parecia ser apenas uma atividade acadêmica tornou-se uma oportunidade de aprender com o outro.

Enquanto discutíamos, compreendi que a linguagem não está presente somente nos livros, nas regras gramaticais ou nas palavras que pronunciamos. Ela também se manifesta nos gestos, nas experiências e nas relações que construímos diariamente. Afinal, quando conversamos, não apenas transmitimos informações, mas também compartilhamos sentimentos, questionamos ideias e ampliamos nossa maneira de enxergar o mundo.

O texto *Concepções de Linguagem e o Ensino de Língua Portuguesa*, de Neder (1993), que li e discuti com a equipe, levou-me a refletir sobre as diferentes concepções de linguagem e suas implicações para o ensino de língua portuguesa. A linguagem não deve ser compreendida apenas como um conjunto de regras gramaticais, mas também como uma forma de interação social. Por meio dela, expressamos nossos pensamentos, construímos sentidos e estabelecemos relações com os outros.

Essa reflexão levou-me a pensar na escola e no papel do professor. Ensinar língua portuguesa não significa apenas corrigir palavras ou memorizar regras, mas criar oportunidades para que os estudantes leiam, escrevam, falem, escutem e compreendam os diferentes usos da linguagem em situações reais. O aluno precisa ser reconhecido como alguém que possui conhecimentos, experiências e uma voz que merece ser ouvida.

Ao ler a afirmação de Orlandi (1988, p. 102), segundo a qual “a linguagem, faculdade humana universal, é um fenômeno complexo que tem sua especificidade num modo de funcionamento que se dimensiona no tempo e no espaço das práticas dos homens”, percebo que a linguagem está presente em todos os momentos da nossa vida. Ela acontece nas conversas, nos gestos, nas histórias que contamos e até nas experiências mais simples do cotidiano. É por meio dela que nos relacionamos, expressamos nossos pensamentos e construímos conhecimentos.

Penso nas crianças e em como cada uma chega à escola trazendo sua própria história, suas experiências e seu jeito particular de se comunicar. Nem todas se expressam da mesma maneira, mas todas têm algo a dizer. Isso me fez refletir sobre a importância de ser uma professora que saiba escutar, observar e respeitar cada criança. Afinal, ensinar não é apenas transmitir palavras, mas criar oportunidades para que cada sujeito encontre sua própria voz e seja ouvido.

Para que os signos se estabeleçam, não é suficiente apenas a presença física de dois seres humanos frente a frente; é fundamental que eles componham uma unidade socialmente organizada e compartilhem a mesma comunidade linguística. Além disso, torna-se indispensável que ambos os interlocutores estejam inseridos em um contexto social imediato e concreto, mantendo uma interação interpessoal em um espaço bem delimitado Bakhtin (1986 *apud* Neder, 1993).

Essa ideia me faz pensar que a aprendizagem acontece quando nos encontramos com o outro. Não basta estarmos no mesmo espaço, precisamos estabelecer relações, compartilhar experiências, dialogar e construir sentidos juntos.

Quando penso na sala de aula, imagino quantos conhecimentos podem nascer de uma simples conversa entre professora e aluno ou entre as próprias crianças. Cada uma traz consigo uma realidade, uma maneira de pensar e uma experiência diferente. É nesse encontro que a aprendizagem ganha significado.

Como futura professora, desejo compreender que meus alunos não são apenas pessoas que recebem conhecimentos, mas sujeitos que também ensinam, questionam e participam da construção do saber. Quero uma sala de aula onde ninguém tenha medo de falar, perguntar ou expressar suas ideias, pois acredito que educar também é aprender a ouvir o outro.

No contexto da interação verbal, as palavras nunca são apenas palavras. Elas carregam sentimentos, experiências, valores e diferentes maneiras de enxergar o mundo. Essa reflexão me fez compreender que a linguagem também revela nossas concepções e a maneira como interpretamos a sociedade. Como futura professora, penso na responsabilidade que tenho ao utilizar as palavras em sala de aula. Uma palavra pode acolher, incentivar e transformar, mas também pode silenciar e excluir. Por isso, quero construir uma prática pedagógica em que a linguagem seja um caminho para o diálogo, o respeito e a valorização das diferentes formas de pensar.

Naquela roda de conversa, vivenciamos um pouco disso, pois não ficamos limitados à leitura silenciosa ou à explicação da professora. Tivemos a oportunidade de compartilhar ideias, ouvir opiniões diferentes e construir novas compreensões coletivamente. A atividade mostrou, na prática, que o diálogo pode tornar a aprendizagem mais participativa e significativa.

Ao final da aula, fiquei pensando que, muitas vezes, procuramos o conhecimento apenas nos livros, quando também podemos encontrá-lo nas experiências e nas palavras das pessoas. O texto de Neder me ofereceu fundamentos para refletir sobre a linguagem, enquanto a roda de conversa me permitiu perceber sua importância nas relações humanas. Voltei para casa com a certeza de que aprender é também permitir-se escutar, questionar e mudar de opinião, pois o conhecimento acontece no processo de construção, desconstrução e reconstrução.

A roda de conversa permitiu-me perceber que, quando existe diálogo verdadeiro, cada pessoa chega com suas ideias e sai levando um pouco do que aprendeu com o outro. E foi assim que uma aula sobre linguagem me ensinou algo que vai além das palavras. A linguagem ganha sentido quando deixa de ser apenas conteúdo e se transforma em um encontro de pessoas.

Referência

NEDER, Maria Lúcia Cavalli. Concepções de linguagem e o ensino de língua portuguesa. *Polifonia*, Cuiabá, n. 00, 1993.

FABIANA LUÍZA DA SILVA SANTOS

Falar, ouvir e ocupar espaços

Interrupção e assalto ao turno, o papel do gênero e o efeito cultural! Foi esse o título do seminário apresentado por quatro pessoas, no dia 22 de setembro de 2026, na aula de Linguagem e Interação. Naquela noite, eu, que também fazia parte daquele grupo, estava prestes a redescobrir a importância da fala, do lugar de fala e sobre o lugar que ocupamos no mundo e, principalmente, sobre os lugares que nos são concedidos e/ou negados.

O assalto ao turno não é apenas uma interrupção ingênua, mas a utilização de uma arma cruel e letal que existe, a de plantar no outro a sensação de não pertencimento, negando a esse sujeito o seu direito de expressão. A comunicação sempre foi importante, mas, nos últimos tempos, com a expansão das informações por meio das mídias sociais, temos recebido uma mensagem bastante clara, ganha o jogo quem se comunica melhor, quem consegue transmitir sua mensagem de forma mais clara e fluida. Prova disso é que, se observarmos melhor, os chamados *influencers* considerados bem-sucedidos, inclusive financeiramente, são aqueles que desenvolveram uma maneira fluida e clara de se comunicar com determinados públicos. Concluímos, então, que o fator comunicação, ou a falha dela, decide a trajetória de toda uma vida.

Aquela aula me trouxe muitas reflexões, especialmente sobre a postura que devemos adotar diante das pessoas. Interromper constantemente o outro, de forma abrupta, sem respeitar seu turno de fala, pode ser uma demonstração de dominação, força e poder, revelando uma postura de superioridade e desvalorização do interlocutor. Diante disso, cabe refletir sobre nossas próprias relações e sobre quem, de fato, tem espaço e voz em diferentes contextos. Será que damos voz àqueles que julgamos oponentes, subalternos ou inconvenientes? Nos diferentes espaços que ocupamos, sejam religiosos, financeiros ou sociais, como compreendemos as relações entre líderes e liderados? Que características reconhecemos em uma liderança? A capacidade de persuadir, identificar problemas, propor soluções, exercer uma escuta ativa e comunicar-se com clareza são atributos que merecem destaque.

O texto de Santana (2018) nos alerta para a importância de considerar os contextos culturais nos quais as interações acontecem, pois nem toda interrupção representa uma tentativa de silenciar o outro. Em determinadas situações, as mulheres também recorrem à interrupção como forma de participação, especialmente quando contribuem para a construção coletiva do pensamento, compartilham experiências ou demonstram envolvimento na conversa. Nesses casos, a interrupção pode assumir um caráter colaborativo, favorecendo a troca e a interação entre os participantes.

De acordo com Tannen (2010, *apud* Santana, 2018, p. 88),

> "A crença de que os homens dominam as mulheres porque as interrompem durante conversas parte do pressuposto de que a conversa é uma atividade na qual somente uma voz pode ser ouvida de cada vez. Essa pressuposição errônea tem expressivas consequências negativas para as mulheres. Quando falam entre si em situações casuais, amigáveis, e centradas na conexão, muitas mulheres usam a sobreposição cooperativa de vozes: as ouvintes falam junto com as falantes para demonstrar participação e apoio. Foi essa prática que levou os homens a criar o estereótipo de que as mulheres são barulhentas ou falam demais."

Concluo minhas reflexões em concordância com Tannen (2010), ao compreender que a violação do direito de fala não se limita às interações conversacionais, mas também está relacionada às identidades sociais de quem interrompe e de quem é interrompido, atravessadas, inclusive, pelas questões de gênero, como evidencia a citação acima. Esse conhecimento mudou profundamente a forma como me percebo em determinados ambientes, como se acendesse uma luz e me fizesse enxergar situações antes naturalizadas pelo comodismo ou pela falsa ideia de educação. Reconhecer quais ambientes nos acolhem e quais nos afastam nos permite escolher onde estar, preservando nossa dignidade, nosso autorrespeito e nossa confiança. Afinal, quando nos sentimos inteiros, podemos transbordar! Levo esse aprendizado para minha trajetória pessoal e profissional, com o compromisso de não permitir que outros sujeitos sejam silenciados ou tenham seu direito de fala negado.

Referência

SANTANA, Rebeca Rodrigues de. Interrupção/assalto ao turno, o papel do gênero e o efeito cultural. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 18, n. 2, maio/ago., 2018. Disponível em file:///C:/Users/CST/Downloads/11088-Texto%20do%20artigo-44001-47452-10-20180831%20(1).pdf Acesso em 22/03/2026.

FRANCIELLY PEREIRA DE ASSIS

Minha mãe, suas tecnologias e uma aula que me fez ficar

São exatamente 19h23 de uma terça-feira, e estou aqui com a mente, o corpo, a alma e o espírito cansados. Parece dramático? Essa sou eu, aluna do curso de Pedagogia noturno da UFPB, além de mãe de três, esposa (ainda) e funcionária de loja em época de fim de ano. É um drama, meus caros, acreditem quando digo! Portanto, estou aqui hoje, na aula de Linguagem e Interação, da professora Patrícia Rosas, apenas por ser responsável, por precisar concluir o semestre, por não querer levar falta, por obter a nota do caderno. Enfim, vários motivos me trouxeram, mas nenhum deles me faria permanecer, pois eu iria embora pouco após o término da aula do Seminário Temático. E o que me fez ficar foi a aula. Os textos trabalhados pelo último grupo, as questões que surgiram a partir do que ouvia dos colegas Vitor e Vitória e as concepções que, mesmo complexas, fizeram sentido para mim.

O grupo trabalhou alguns textos, dentre eles *Oralidade e escrita*, de Marcuschi (1997), e desenvolveu uma discussão muito interessante sobre oralidade, escrita e letramento. Pude compreender melhor a realidade em que vivemos, na qual as pessoas que leem e escrevem são supervalorizadas, enquanto a forma coloquial de falar é menos valorizada e, muitas vezes, depreciada. Isso acontece porque vivemos em uma sociedade que valoriza quem domina a norma culta da Língua Portuguesa, e a redação do Enem é um grande exemplo disso.

No entanto, aqueles que apresentam dificuldades com palavras rebuscadas, seja na pronúncia ou na escrita, são considerados "analfabetos". Um grande absurdo! Esse questionamento me marcou de tal maneira que decidi refazer a minha crônica de aprendizagem pensando nas discussões que aquela aula me trouxe.

Já passa da meia-noite do dia 11 de novembro de 2026, e não consegui relaxar. Por isso, estou aqui, fazendo dessas horas um momento produtivo. Minha mãe, a mulher que mais amo e admiro, era analfabeta, como ela mesma dizia, mas falava muito bem. Conhecia os números, o que a ajudava a pegar o ônibus. Também conhecia logomarcas e símbolos, como o da CEHAP (Companhia Estadual de Habitação Popular), reconhecia os documentos da casa e guardava todos de maneira bastante organizada. Isso me fez pensar no quanto ela sofreu para nos criar sem saber ler e escrever em uma sociedade tão preconceituosa.

Com isso, pude relacionar a discussão à minha vivência e à minha futura docência, pois, de fato, a oralidade não é valorizada quando não está associada à leitura ou à escrita. Como futura professora, busco desenvolver um olhar inclusivo e equitativo.

A discussão em sala também contemplou o conceito de letramento, compreendido como um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita que se constituem em diferentes contextos e atendem a propósitos comunicativos específicos.

Então, recorri a um dos textos, que afirma que "O letramento, por sua vez, é o uso da escrita na sociedade" (Marcuschi, 1997, p. 126). O texto apresenta exemplos como pegar ônibus

pela numeração, comprar produtos compreendendo seus valores e reconhecer marcas por meio de seus símbolos, assim como minha mãe fazia, mesmo sendo analfabeta.

Por fim, também foi discutido pelos colegas da turma que a escrita seria tecnológica e mais importante do que a fala. Felizmente, a professora Patrícia interveio e disse que a fala também é tecnológica. Então, um ponto para minha mãe! A professora ampliou a discussão sobre fala e escrita mostrando que ambas são tecnologias humanas, sociais e históricas, construídas e desenvolvidas nas relações entre os sujeitos. A escrita, embora tenha possibilitado o registro, a conservação e a circulação dos conhecimentos para além do tempo e do espaço, não torna a fala menos importante ou inferior. A fala é uma forma de organização da linguagem que mobiliza conhecimentos, recursos, estratégias e diferentes modos de interação. Antes mesmo de aprender a escrever, já chegamos à escola falando, narrando nossas experiências, expressando sentimentos e construindo sentidos sobre o mundo. Por isso, não devemos estabelecer uma hierarquia entre essas duas modalidades, mas compreender suas especificidades, funções e possibilidades nas práticas sociais. Afinal, ensinar a língua não significa apenas ensinar a escrever, mas também reconhecer, valorizar e ampliar as diferentes formas de participação dos sujeitos nas situações de interação.

Uma frase dita na aula ficou martelando em minha mente, e decidi esmiuçar seus significados. “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (Bakhtin, 2003, p. 265). Pude compreender essa frase como uma crítica à formalidade da língua, que, para muitos, é apenas um conjunto de normas e regras, sem considerar o contexto social em que a verdadeira comunicação acontece. Os enunciados concretos mencionados na frase são aqueles produzidos pelas pessoas que usam a língua em situações reais do cotidiano. Uma conversa, um e-mail ou até mesmo uma aula como a de hoje são exemplos de como a língua penetra na vida. Já o contexto histórico, a cultura e os conflitos sociais criam novas formas de expressão, mostrando como a vida penetra na língua. Um exemplo maravilhoso disso é o “oxe”, que minha filha acabou de usar quando pedi que ela fosse dormir.

Essa discussão foi muito importante para mim enquanto filha, pessoa e futura professora. E agora, às 01h12 desta quarta-feira, pude compreender que minha mãe era, sim, muito inteligente e tecnológica com sua língua e suas concepções de vida. Por fim, posso concluir dizendo que a aula trouxe uma ressignificação do que compreendo por fala, leitura, escrita e letramento, aprendizado que levarei comigo em minha trajetória como professora.

Referência

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. *Signótica*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 119-145, 1997.
BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2003, p. 265.

JULIA FABIANA DE PONTES DA COSTA

A língua viva entre o texto e a sociedade

Ao estudar o texto *Ensino de língua ou de gramática? Competências discursivas em foco*, de Marcolin e Crestani (2023), deparei-me com uma reflexão importante sobre a maneira como a Língua Portuguesa ainda é ensinada nas escolas. Muitas vezes, o ensino da língua é reduzido à memorização de regras, nomenclaturas e classificações gramaticais. Essa leitura me fez perceber que saber português vai muito além de identificar um substantivo, um verbo ou um objeto direto. Significa compreender e utilizar a língua para se comunicar em diferentes situações do cotidiano.

Durante a aula, discutimos o ensino da língua e da gramática, com destaque para o desenvolvimento das competências discursivas. A professora Patrícia Rosas apresentou diferentes concepções de linguagem, passando pelo estruturalismo, pelo gerativismo e pelo funcionalismo. Também refletimos sobre os turnos de fala, as interrupções nos diálogos e as diferentes formas de utilizar a linguagem nas situações sociais. Uma das questões que mais chamou minha atenção foi a diferença entre ensinar regras gramaticais isoladamente e possibilitar que os estudantes compreendam e utilizem a língua em situações reais de comunicação.

Uma das descobertas que ampliaram minha compreensão foi perceber que a gramática não deve ser a finalidade do ensino, mas um instrumento que contribui para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da comunicação. Uma frase marcante presente nas minhas anotações foi "Memorizar classificações como 'substantivo' ou 'objeto direto' isoladamente não torna ninguém um leitor ou escritor melhor". Essa ideia me fez refletir sobre quantas vezes, durante nossa trajetória escolar, fomos levados a "decorar" conceitos para realizar atividades e avaliações, sem compreender verdadeiramente sua função ou estabelecer relações com aquilo que vivemos.

Essa reflexão também me fez pensar na importância de um ensino que considere as experiências dos estudantes, suas formas de comunicação e os diferentes contextos em que estão inseridos. Aprender uma língua não deve se restringir à reprodução de conteúdo, mas envolver a compreensão de como ela funciona e de como podemos utilizá-la para expressar ideias, construir sentidos e interagir com o mundo.

Outro ponto importante discutido foi a relação entre o ensino da língua e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta o trabalho com as práticas de linguagem, contemplando a leitura, a escrita, a oralidade e a análise linguística. Nesse sentido, compreendo que o estudo da gramática ganha significado quando está articulado às situações de uso da língua, contribuindo para que os estudantes desenvolvam suas habilidades comunicativas e compreendam os recursos linguísticos de que dispõem.

Ao relacionar essas discussões com minha futura prática docente, percebo a importância de buscar maneiras de tornar o ensino da língua mais significativo. Na Educação Infantil, por

exemplo, as crianças já utilizam a linguagem para expressar sentimentos, contar acontecimentos, fazer perguntas, interagir e construir conhecimentos. Valorizar essas manifestações significa reconhecer que elas já possuem experiências linguísticas e que a escola deve ampliar suas possibilidades de expressão. Para isso, é importante incentivar conversas, contar histórias, explorar diferentes textos e criar situações nas quais as crianças possam se expressar, participar e construir sentidos.

Levo dessa experiência a compreensão de que ensinar Língua Portuguesa não significa apenas ensinar regras ou formas consideradas corretas de falar e escrever, mas criar condições para que cada estudante desenvolva suas habilidades de comunicação, interprete o mundo e participe ativamente da sociedade. Afinal, a língua está viva nas nossas relações, nas nossas experiências e nas diferentes formas de expressão. Compreendê-la em seu contexto de uso é também reconhecer que ensinar e aprender a língua envolve a formação de sujeitos críticos, participativos e capazes de exercer sua cidadania.

Referência

MARCOLIN, L. R.; CRESTANI, L. M. Ensino de Língua ou de Gramática? As Competências Discursivas em Foco. **Educação & Linguagens**, Campo Mourão, PR, v.12, n.24, p. 482-501, jul./dez. 2023. Disponível em: file:///C:/Users/CST/Downloads/27918%20(4).pdf

KATIA REGINA BARBOSA DA CUNHA

Das interações cambiantes na sala de aula ao improviso

Quem vê a professora Patrícia Rosas de pé diante dos estudantes de Pedagogia pensa que ela carrega nas mãos a atenção de todos à sua volta. Nossa sala de aula na UFPB é, na verdade, um laboratório vivo de tomada de turnos, um palco de improviso onde todos tentam não atravessar a fala de ninguém, embora esses esbarrões sejam inevitáveis.

No artigo de Santana (2018), trabalhado na aula do dia 22 de setembro de 2026, sobre *Interrupção/assalto ao turno, o papel do gênero e o efeito cultural*, aprendemos que existe uma regra de ouro nas conversas, na grande maioria dos casos, fala um de cada vez. Ao iniciar a aula, a professora lança a pergunta ao éter, "Quem vai falar primeiro?". Nesse momento, as técnicas de alocação de turno entram em ação. Há o método da seleção direta, em que quem está com a palavra escolhe quem falará em seguida. A professora olha para o fundo da sala, onde as alunas tentam se organizar para a apresentação, e diz "Não tem ordem de apresentação". As estudantes, pegas de surpresa, respondem com uma unidade de construção de turno curtíssima, daquelas que o artigo descreve como tendo a extensão de uma palavra, "Hã?".

Mas o mais bonito é a autosseleção, quando alguém simplesmente se escolhe para falar. É quando a colega sentada à minha frente, que sempre tem um exemplo, não aguenta o vácuo do silêncio, aquele breve intervalo que dura milissegundos, mas parece uma eternidade, e assume a fala com mais um caso tirado da vida. Ninguém estranha.

Na sala, o tamanho dos turnos varia conforme o interesse da turma pelo assunto. Quanto mais a professora troca o tema em miúdos, mais a turma se envolve e mais frequentes ficam os assaltos ao turno. Não por acaso, o artigo lembra que nem a ordem nem o tamanho dos turnos são fixos. Se o assunto é o artigo científico, o turno dos estudantes é uma sentença breve. A professora abre um parêntese e o assunto desvia para a fofoca do Instagram. A extensão da conversa torna-se imprevisível e o número de participantes explode.

É aí que o sistema entra em pane e as sobreposições acontecem. Duas pessoas começam a falar ao mesmo tempo sobre quem matou Artur na novela das nove. Ocorre o caos sonoro. Uma das vozes puxa o freio de mão imediatamente, cedendo o espaço a fala do outro. E assim vai acontecendo a engenharia social do uso real da língua! Até que a professora retoma o assunto da aula, sem esperar uma deixa, entrando abruptamente no turno dos outros. É o assalto do turno sem deixa (Galembeck e Costa, 2009 *apud* Santana, 2018, p. 62-63).

Tannen, 2010, *apud* Santana (2018), p. 65), lembra que "não é a interrupção que constitui a dominação, mas aquilo que os falantes estão tentando fazer ao falarem uns com os outros." Pronto, a questão não é se alguém interrompe, mas o que faz ao interromper. Minha colega de trabalho não tinha um jeito de interromper, tinha dois. Quando completava, apoiava; quando mudava de assunto, atropelava. E, confesso, quando fiz essa pergunta a mim mesma, não saí ilesa.

A conversa na roda é assim, descontínua, cheia de pausas para olhar o celular sob a carteira, com roteiro prévio ou sem ele. O que cada um diz não está no plano de aula de ninguém.

Saí daquela aula pensando na sala que um dia será minha. Numa roda de conversa da Educação Infantil, sempre vai existir uma pequena versão da minha colega da frente. Antes de soltar um "agora não é a sua vez", quero me perguntar o que ela está tentando fazer. Se estiver ajudando o colega, acolho sua participação e devolvo a palavra a quem falava. Se estiver levando a roda para o dinossauro que viu no fim de semana, guardo o dinossauro para depois, sem extinguir ninguém.

Da aula que narro, permanece uma dúvida que ainda não consegui responder por completo. Como ensinar a esperar a vez de falar sem ensinar a calar? Penso que um caminho seja construir com a turma alguns combinados sobre como solicitar a palavra, mas também estar atenta àqueles que raramente se manifestam, convidando-os a participar sem transformar o convite em obrigação.

Por fim, quando o horário anuncia o fim da aula, a turma precisa fazer a transição para o silêncio e organizar a saída. Essa é uma das poucas etapas do dia previamente definidas. Todo o restante se constrói no movimento das interações, entre o que planejamos, o que acontece e o que nos surpreende. Afinal, ensinar também exige lidar com o improviso, acolher o inesperado e compreender que nem tudo o que acontece em sala de aula cabe no planejamento.

Referência

SANTANA, R. R. Interrupção/assalto ao turno, o papel do gênero e o efeito cultural. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 55-74, maio/ago. 2018. DOI: 10.5935/cadernosletras. v18n2p55-74.

KAUANE VITÓRIA PAULINO BRANDÃO

Sobre gladíolo, colagens e histórias ordinárias

Na aula de Linguagem e Interação do dia 6 de outubro de 2026, o planejamento parecia indicar um caminho bastante definido, apresentar e discutir três textos propostos para aquele encontro. Entretanto, a aula tomou outro rumo. Uma atividade que havíamos recebido para fazer em casa acabou ocupando o espaço destinado às apresentações. A proposta era simples, produzir uma colagem que remetesse a alguém importante para nós e escrever brevemente o motivo daquela escolha. Não imaginávamos que uma atividade tão simples pudesse proporcionar tantas reflexões.

Aos poucos, as colagens começaram a ganhar voz. O que inicialmente seria apenas uma sequência de apresentações transformou-se em um momento de compartilhamento de histórias, lembranças e sentimentos. Cada colega, ao explicar sua escolha, revelava um pouco de si e da pessoa representada. O mais interessante era observar as expressões de cada um enquanto contava sua história. Algumas revelações nos surpreendiam, outras despertavam identificação, e havia aquelas que nos faziam perceber o quanto desconhecemos as experiências de pessoas com quem convivemos diariamente. Quantas vezes dividimos a mesma sala, conversamos sobre trabalhos e atividades, mas não fazemos ideia das histórias que cada pessoa carrega? Naquela aula, foi como se pudéssemos enxergar para além daquilo que o cotidiano nos permite ver. Uma fotografia, uma flor ou uma lembrança, que inicialmente poderiam parecer elementos comuns, ganhavam novos significados quando acompanhados das histórias de quem os escolheu.

Essa experiência me fez pensar nas contribuições de Mikhail Bakhtin, especialmente em sua compreensão de que os sentidos são construídos nas relações sociais. No texto *Dos sujeitos enunciadores e seus contextos dialógicos: Bakhtin e seu outro*, Keske (2004), ao discutir as ideias bakhtinianas, destaca a importância do contexto e da interação entre os sujeitos na construção dos significados. Essa discussão me fez perceber que uma imagem não fala apenas pelo que apresenta visualmente, mas também pelas experiências de quem a escolhe, pelas palavras utilizadas para explicá-la e pela maneira como os outros a recebem. Foi o que aconteceu naquela aula. Cada colagem possuía um significado particular para quem a produziu, mas, ao ser compartilhada, passou a fazer parte de uma experiência coletiva. Por meio dos relatos, começamos a construir novas compreensões sobre pessoas que, embora próximas, ainda guardavam histórias desconhecidas por nós.

Enquanto acompanhava as apresentações, também pensava na minha própria colagem. Escolhi representar minha mãe por meio de um gladíolo, uma flor que simboliza, para mim, força, coragem, integridade e vitória. Encontrei nessa escolha uma maneira de expressar minha admiração por alguém que me inspira pela forma como enfrenta a vida, permanece firme diante das dificuldades e encontra forças para continuar, mesmo quando os caminhos não são fáceis. Escrevi que, assim como o gladíolo, sua presença me lembra que ser forte não significa não enfrentar dificuldades, mas ter coragem para seguir em frente e continuar florescendo.

Por causa do tempo, não consegui apresentar minha colagem à turma, mas isso não chegou a ser um problema. Continuei acompanhando os relatos, interessada no que cada um

tinha a compartilhar. Minha produção permaneceu comigo, guardando o significado que atribuí àquela flor. Enquanto ouvia os colegas, recordei uma leitura realizada em outra disciplina, Língua e Literatura, *O que é Leitura*, de Maria Helena Martins, especialmente o capítulo *Falando em Leitura*. Nele, a autora nos convida a ampliar nossa compreensão sobre o ato de ler, mostrando que a leitura não se limita à identificação de palavras impressas. Também lemos objetos, gestos, situações e pessoas, atribuindo sentidos a partir das nossas experiências e da maneira como nos relacionamos com o mundo.

Martins apresenta a reflexão de que objetos comuns, com os quais convivemos durante anos, podem adquirir novos significados quando passamos a observá-los de outra maneira. Aquilo que antes parecia banal pode despertar lembranças, perguntas e interpretações. Essa ideia dialoga diretamente com a experiência da aula. Antes de ouvirmos os relatos, víamos apenas imagens escolhidas pelos colegas. Depois, passamos a enxergar nelas muito mais do que formas e cores. Cada apresentação revelava sentimentos e lembranças que não seriam percebidos apenas pela observação. O gladíolo que escolhi para representar minha mãe também expressa essa relação. Para quem desconhece minha história, pode ser simplesmente uma flor; para mim, representa admiração, gratidão e a força de alguém que é uma referência em minha vida. A imagem é a mesma, mas os sentidos atribuídos a ela são construídos a partir das experiências de cada pessoa.

Essa reflexão me levou a pensar também na minha formação como estudante de Pedagogia. Na escola, frequentemente associamos a leitura às palavras, aos textos escritos e à capacidade de interpretar aquilo que está registrado no papel. Essas aprendizagens são fundamentais, mas será que conseguimos reconhecer as diferentes maneiras pelas quais os estudantes já leem o mundo antes mesmo de dominarem a leitura e a escrita?

Uma criança chega à sala de aula trazendo experiências familiares, lembranças, observações e conhecimentos construídos em suas relações com as pessoas e com o ambiente em que vive. Essas vivências participam da maneira como interpreta situações, expressa ideias e se relaciona com os novos conhecimentos. Nesse sentido, o pensamento de Bakhtin também amplia minha reflexão, pois nos permite compreender que os sujeitos e seus discursos estão relacionados aos contextos sociais em que estão inseridos. Cada estudante possui uma história que influencia sua maneira de compreender e atribuir sentidos ao que aprende.

Por isso, considero importante que o professor não se limite a ouvir as respostas dos estudantes, mas procure compreender os sentidos que eles atribuem às experiências e aos conhecimentos. Uma mesma situação pode despertar interpretações diferentes, pois cada criança parte de vivências particulares. Quando existe espaço para o diálogo e a escuta, essas diferenças podem enriquecer a aprendizagem, permitindo que os estudantes conheçam outras perspectivas e também revejam suas próprias compreensões.

A atividade realizada em nossa aula exemplificou essa possibilidade. Ao propor que cada pessoa escolhesse algo que representasse alguém importante, a professora criou um espaço para que experiências individuais se tornassem parte de uma construção coletiva. Como futura pedagoga, considero importante reconhecer que nem toda aprendizagem significativa acontece exatamente da maneira planejada. Uma conversa, uma pergunta ou uma atividade aparentemente simples pode abrir caminhos para reflexões que ultrapassam o conteúdo

inicialmente previsto. Isso não diminui a importância do planejamento, mas evidencia a necessidade de sensibilidade para perceber as possibilidades educativas que surgem durante o percurso.

Ao final, fomos convidados a registrar um comentário sobre a experiência. Escrevi: *"A aula de hoje me fez refletir o quanto objetos, que muitas vezes não possuem nada escrito, podem contar grandes histórias."* Ao retomar essa frase, percebo que ela reúne boa parte das reflexões que construí naquele encontro. Os objetos não precisam trazer palavras para que possamos atribuir sentidos a eles. Muitas vezes, é a nossa experiência que lhes dá significado; em outras, precisamos conhecer a história de alguém para compreender aquilo que antes parecia apenas uma imagem.

Naquele dia, o que seria uma apresentação de textos transformou-se em uma experiência de leitura do mundo. Lemos imagens, gestos, expressões e histórias ordinárias, simples. Histórias que vão acontecendo ao nosso lado sem a gente perceber. Descobrimos significados em objetos comuns e percebemos que nossas experiências influenciam a maneira como interpretamos aquilo que nos cerca. Saí daquela aula pensando que precisamos olhar com mais atenção para as coisas e para as pessoas que fazem parte dos nossos dias. Por trás de cada pessoa existem experiências que desconhecemos, lembranças que a constituem e sentimentos que nem sempre aparecem nas conversas cotidianas. Talvez uma das maiores aprendizagens daquele encontro tenha sido compreender que ler também é estar disponível para descobrir significados que não percebemos à primeira vista. E talvez educar seja criar oportunidades para que as pessoas compartilhem suas histórias e encontrem, no olhar e na escuta do outro, espaço para serem compreendidas. Porque, às vezes, não precisamos de muitas palavras para contar uma grande história. Precisamos apenas de alguém disposto a enxergá-la.

Referência

KESKE, Humberto Ivan. *Dos sujeitos enunciadores e seus contextos dialógicos*: Bakhtin e seu outro. Disponível em: https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/134537311562961721360728023747328257436.pdf. Acesso em: 10.10.2026.

LAURA GUIMARÃES SITCOVSKY

Não são apenas objetos, são formas do outro habitar em mim

Na aula de Linguagem e Interação do dia 6 de outubro de 2026, o planejamento inicial previa a apresentação de um seminário, mas o encontro tomou um rumo inesperado e profundamente significativo. Como atividade extra, a professora havia pedido que trouxéssemos um objeto que remetesse a alguém importante para nós. A ideia era ouvir alguns relatos pontuais, já que a proposta não seria o foco principal daquele dia. No entanto, à medida que as primeiras falas surgiram, a partilha tornou-se tão envolvente que a turma pediu à professora que todos pudessem apresentar o que haviam trazido. Assim como outros colegas, levei mais de um objeto para representar os afetos que fazem parte da minha história. Uma flor seca do casamento que meu namorado me deu, uma fotografia minha com meus avós e um adesivo de Lula, escolhido para representar meu pai e meu filho. Ouvir as histórias da turma e compartilhar as minhas me fez perceber que falar de alguém é também revelar um pouco de nós mesmos, das nossas escolhas, dos nossos sentimentos e das relações que nos constituem.

Ao retomar o texto *Concepções de linguagem e o ensino de língua portuguesa*, de Neder (1993), compreendi melhor como a linguagem se realiza na interação social e como os signos ganham sentidos nas relações concretas. Como afirma Neder (p. 74):

> A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social. Se nasce com caráter monossêmico, ao se contextualizar, passa a expandir valores, conceitos e pré-conceitos, portanto, a ter caráter polissêmico.

Essa reflexão me fez olhar de outra maneira para os objetos que levei à aula. A flor amarelada e seca, guardada com carinho e colhida do centro de mesa de um casamento, poderia ser apenas uma lembrança de um evento, mas, para mim, representa muito mais. Ela me remete ao cuidado diário, à paciência e à parceria do meu namorado, que me faz sentir amada e segura por ter alguém ao meu lado nos diferentes momentos da vida. O que para outras pessoas pode ser apenas uma flor, para mim guarda uma história de amor e companheirismo.

A fotografia dos meus avós paternos também carrega significados que vão além da imagem. Ao contemplá-la, sinto o aconchego e a saudade que sempre me acompanham quando revisito o álbum de família. A cumplicidade e o cuidado que marcaram a história deles são referências que atravessam gerações e influenciam a maneira como compreendo os vínculos afetivos. Já o adesivo de Lula reúne outras dimensões da minha história. Nele estão as referências políticas e afetivas que me aproximam do meu pai, professor universitário e militante, cuja principal bandeira é a defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade, e do meu pequeno filho Luan, de dois anos e onze meses, que cresce cercado de músicas, afetos e adesivos, fazendo o “L” de Lula com uma alegria contagiante. Um objeto tão simples acabou reunindo duas gerações, suas referências e aquilo que, de diferentes maneiras, compartilhamos.

A escuta dos colegas e a leitura de Neder ampliaram minha compreensão sobre essas lembranças. Os objetos que antes guardava como parte da minha intimidade passaram a ser percebidos também como signos carregados de valores, experiências e sentidos sociais. Essa percepção dialoga com Bakhtin, para quem a compreensão se constrói na relação com o outro, em um movimento que não se encerra naquilo que ouvimos ou lemos, mas nos mobiliza a responder, interpretar e produzir novos sentidos. Ao compartilhar minhas escolhas, não apenas apresentei fragmentos da minha história, mas também ofereci aos colegas a possibilidade de conhecer outras dimensões de quem sou. Da mesma forma, as histórias que ouvi modificaram a maneira como percebia pessoas com quem convivo. A roda de conversa nos aproximou justamente porque permitiu que cada um se mostrasse para além dos papéis que ocupa no cotidiano.

Como futura docente, levo dessa experiência a importância de construir uma sala de aula aberta à escuta e às histórias que cada estudante traz consigo. A maneira como a professora acolheu o pedido da turma, permitindo que a atividade se estendesse e ganhasse novos sentidos, mostrou-me que ensinar também exige sensibilidade para reconhecer o que acontece durante o percurso, mesmo quando não estava previsto no planejamento. Quero construir espaços em que a oralidade e a escrita possibilitem aos estudantes compartilhar suas experiências, reconhecer suas próprias histórias e conhecer as dos colegas, sem que suas vivências sejam tratadas como algo menor diante dos conteúdos escolares. Naquela aula, três objetos me ajudaram a falar sobre pessoas que fazem parte de mim. Saí compreendendo que nossas palavras, escolhas e maneiras de ver o mundo carregam marcas de muitos outros. Quando damos espaço para essas histórias, a linguagem deixa de ser apenas conteúdo e se torna encontro.

Referência

NEDER, Maria Lúcia Cavalli. Concepções de linguagem e o ensino de língua portuguesa. *Polifonia*, Cuiabá, n. 00, 1993. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1215. Acesso em: 7 abr. 2026.

LEIDIANE SILVA DE MORAIS

Tudo tem seu tempo: reflexões sobre a alteridade

No dia 29 de setembro de 2026, durante a aula de Linguagem e Interação, no turno da noite, ministrada pela professora Patrícia Rosas, no curso de Pedagogia da UFPB, apresentamos um seminário sobre experiência e alteridade no contexto educacional. Como parte da proposta pedagógica, cada integrante foi orientada a construir sua própria interpretação do texto estudado, considerando as reflexões teóricas e os sentidos produzidos a partir da leitura.

A proposta me permitiu perceber que um mesmo texto pode despertar diferentes interpretações, pois cada sujeito estabelece relações particulares com aquilo que lê. Embora estivéssemos diante de um objeto de estudo comum, nossas experiências, percepções e conhecimentos nos conduziam a compreensões próprias. A atividade, portanto, também nos proporcionou vivenciar o que discutíamos, mostrando que a construção do conhecimento não precisa seguir um caminho único.

Durante o seminário, uma das passagens que mais despertaram meu interesse, e que fiz questão de destacar em minha fala, foi a relação estabelecida por Sobral e Giacomelli (2020) entre a educação dialógica alteritária e o pensamento de Nietzsche. Os autores recorrem ao filósofo para evidenciar que, no mundo humano, "tudo veio a ser; não existem fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas" (Nietzsche, 2000, p. 11 apud Sobral; Giacomelli, 2020, p. 14).

Essa passagem me provocou um particular encantamento, por permitir refletir sobre a condição humana como um processo de constante transformação. Quantas vezes olhamos para alguém e acreditamos conhecer sua história apenas a partir daquilo que observamos, atribuindo-lhe características e estabelecendo julgamentos sem considerar as circunstâncias que constituem sua existência? Pensar que não existem verdades absolutas também me levou a questionar o quanto nossas interpretações podem ser limitadas e o quanto precisamos estar dispostos a rever aquilo que acreditamos saber.

Antes dessa experiência, minha compreensão sobre alteridade estava mais associada ao respeito às diferenças e à capacidade de me colocar no lugar do outro. A leitura, a apresentação do seminário e a mediação da professora ampliaram esse entendimento. Reconhecer o outro passou a significar também questionar minhas próprias certezas e admitir que nunca conheço alguém por completo. Uma das reflexões da professora que mais me marcou foi justamente a compreensão da alteridade como a disposição de permitir que o outro nos atravesse. Essa ideia ganhou ainda mais sentido ao ser relacionada à passagem de Nietzsche, pois o encontro com diferentes perspectivas pode modificar nossas maneiras de pensar, sentir e interpretar o mundo.

Sobral e Giacomelli (2020, p. 14) afirmam que a educação dialógica é alteritária "uma vez que tem o outro como horizonte". Essa perspectiva me ajudou a compreender a proposta desenvolvida em sala de aula. Ao nos possibilitar a construção de interpretações individuais, a atividade favoreceu nossa autonomia e o reconhecimento de diferentes maneiras de compreender um mesmo texto. Não precisávamos chegar a uma interpretação idêntica, mas tínhamos a oportunidade de conhecer outros pontos de vista e ampliar os nossos próprios.

Ao revisitar essa experiência, percebo que a aprendizagem não esteve restrita à compreensão de um conceito ou ao cumprimento de uma atividade avaliativa. O seminário constituiu uma oportunidade de refletir sobre minha postura diante do outro, enquanto discente e futura pedagoga. A mediação docente mostrou-me que escutar não se resume a ouvir, mas exige atenção, disponibilidade e abertura para considerar aquilo que o outro expressa, reconhecendo-o como participante efetivo da construção do conhecimento, mesmo quando suas ideias divergem das nossas.

Essa compreensão me fez pensar sobre situações que poderão surgir no exercício da docência. Quantas vezes podemos interpretar o comportamento de uma criança a partir das nossas próprias expectativas, sem considerar aquilo que ela está tentando comunicar? Um gesto, o silêncio, uma pergunta ou até mesmo uma recusa podem carregar sentidos que não percebemos imediatamente. Por isso, acredito que educar também exige cuidado para não transformar nossas interpretações em verdades definitivas sobre os estudantes.

Enquanto futura pedagoga, pretendo desenvolver uma postura que não aprisione os sujeitos em julgamentos, rótulos ou expectativas previamente estabelecidas, mas que reconheça suas potencialidades e possibilidades de transformação. Isso implica respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem, valorizar as manifestações das crianças, acolher seus questionamentos e considerar suas contribuições na organização das práticas educativas. O estudante não deve ser visto apenas a partir do que já consegue fazer, mas também das possibilidades que pode desenvolver quando encontra condições favoráveis para aprender.

A partir das reflexões suscitadas naquela aula, atribuo um novo sentido à expressão "*Tudo tem o seu tempo"*. No contexto educacional, respeitar a singularidade do outro significa reconhecer que os sujeitos possuem diferentes tempos de aprendizagem, amadurecimento e transformação. Não cabe ao educador comparar trajetórias ou exigir que todos respondam da mesma maneira, mas compreender essas diferenças e construir caminhos que favoreçam o desenvolvimento e a autonomia de cada educando.

A experiência vivenciada na disciplina de Linguagem e Interação ampliou minha compreensão acerca do dialogismo e da alteridade, permitindo-me perceber que esses conceitos não se restringem à fundamentação teórica, mas atravessam nossas relações e escolhas pedagógicas. Permanece comigo uma inquietação que pretendo levar para minha futura prática docente: *como ensinar respeitando a singularidade do outro, se não estivermos dispostos a aprender com aquilo que ele tem a nos dizer?* Compreendo que também estamos em constante formação e que, no encontro com outras pessoas, nossas certezas podem ser revistas, nossos olhares ampliados e nossas formas de ensinar e aprender transformadas. O outro não é apenas alguém a quem ensinamos, mas também alguém por meio de quem nos tornamos diferentes do que éramos.

Referência

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Por Uma Proposta de Educação Dialógica Alteritária. Línguas & Letras, *[S. l.]*, v. 21, n. 49, p. http://dx.doi.org/10.5935/1981–4755.20200001, 2020. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24675 Acesso em: 7 abr. 2026.

LIDYANNE DE OLIVEIRA

Aprender a língua, sem desaprender a própria voz

Passadas 24 horas da aula de terça-feira, 15 de setembro de 2026, tentava relembrar o que havia acontecido em sala. No início, não sabia por onde começar. Decidi, então, voltar ao começo de tudo, às vivências que presenciei e às reflexões que permaneceram comigo. Entre os assuntos abordados, o que mais despertou meu interesse foi a interação verbal.

Como tenho poucos amigos na turma, nem sempre consigo contar com a ajuda dos colegas para realizar as atividades ou compreender os textos. A rotina intensa de cada um acaba dificultando esses momentos de troca. Ao procurar o texto discutido em aula, também tive dificuldades para encontrá-lo, o que me deixou bastante triste. Diante disso, optei por refletir sobre o segundo texto apresentado, intitulado *Concepções de linguagem e conceitos correlatos: a influência no trato da língua e da linguagem*. A apresentação dos colegas de Pedagogia despertou meu interesse e me levou a pensar sobre a maneira como compreendemos e ensinamos a Língua Portuguesa.

Durante a discussão, foram abordadas diferentes concepções de linguagem ao longo da história, inclusive a atuação dos jesuítas no ensino da língua no Brasil, em 1759, relacionada à concepção de linguagem como expressão do pensamento. Essa perspectiva compreende a linguagem como uma forma de exteriorizar aquilo que pensamos, concepção que, de diferentes maneiras, ainda se faz presente em nossas práticas. Ao pensar na infância, por exemplo, percebemos que as crianças se expressam de diversas formas, nem sempre utilizando palavras, mas recorrendo a gestos, desenhos, movimentos e outras manifestações que revelam seus pensamentos e sentimentos.

Outro ponto que me chamou a atenção foi a maneira como a escola lida com a linguagem das camadas populares. Muitas vezes, os estudantes chegam à escola dominando formas de expressão construídas em suas comunidades e nas relações familiares, mas encontram um modelo de língua que nem sempre reconhece esses conhecimentos. A escola apresenta uma variedade considerada legítima, especialmente nos contextos formais, porém nem sempre oferece condições para que os alunos se apropriem dela, ampliem suas possibilidades de expressão e compreendam em quais situações, determinados usos linguísticos são mais adequados.

Essa discussão me fez pensar que as diferenças entre a fala e a escrita não devem ser confundidas com uma hierarquia entre as pessoas. A oralidade e a escrita possuem características próprias, que se relacionam às situações em que são utilizadas, aos interlocutores e aos objetivos da comunicação. A escrita formal, por exemplo, exige atenção às convenções gramaticais, à organização das ideias e à coerência textual, elementos que contribuem para que o leitor compreenda o que queremos comunicar. Isso, porém, não torna as formas de expressão construídas nas experiências cotidianas menos importantes ou menos legítimas. Cada sujeito

possui maneiras de falar, compreender e se expressar que estão relacionadas à sua história, aos seus conhecimentos e ao contexto social em que vive. A reflexão de Doretto e Beloti (2011) contribui para compreender como as concepções de linguagem influenciam o modo como a língua é abordada no ensino.

Pensar e escrever são processos relacionados, mas não equivalentes, e ambos podem ser desenvolvidos por meio da aprendizagem e da prática. Eu mesma, em algumas situações, tenho ideias que parecem claras em meus pensamentos, mas que não consigo expressar oralmente da maneira como gostaria. Organizar essas ideias, estabelecer relações entre elas e construir um texto que faça sentido para o leitor também é um exercício de aprendizagem.

Outro aspecto discutido foi a importância da gramática normativa na escrita formal da Língua Portuguesa. Ela estabelece convenções que orientam a produção de textos em diferentes contextos e pode ampliar as possibilidades de comunicação dos estudantes. Entretanto, seu ensino não deve desconsiderar as diferentes formas de expressão, tampouco transformar as diferenças linguísticas em motivos para constrangimento ou desvalorização.

Nesse sentido, uma reflexão apresentada pela colega Kauane Brandão durante a discussão também me marcou. A estudante destacou a importância de não classificarmos simplesmente a maneira de falar ou escrever de alguém como certa ou errada, mas de buscarmos ampliar suas possibilidades de expressão e compreensão da linguagem. Essa ideia me fez recordar uma fala de uma professora, que dizia que não devemos apontar o erro de uma criança de maneira que limite sua capacidade de pensar e se expressar. Acredito que o papel do professor seja justamente criar oportunidades para que ela aprenda, desenvolva seus conhecimentos e descubra outras maneiras de utilizar a língua, sem que precise sentir vergonha daquilo que já sabe.

Durante a aula, surgiram perguntas que gostaria de ter feito, especialmente sobre as diferentes formas de linguagem e suas manifestações nas situações sociais, mas não houve tempo suficiente para aprofundá-las. Em continuidade à discussão, a professora Patrícia explicou que a linguagem está presente em diferentes formas de comunicação, como a música, os textos, o teatro e as placas de sinalização. Essa reflexão ampliou meu entendimento de que nos comunicamos não apenas por meio da fala e da escrita, mas também por imagens, gestos, sons e outras formas de expressão que produzem sentidos em nossas relações com o mundo.

As discussões me levaram a compreender que aprender uma língua não acontece apenas por meio de exercícios ou da memorização de regras gramaticais. São nas práticas de leitura, escrita, escuta e interação, relacionadas às experiências dos sujeitos, que os conhecimentos linguísticos ganham sentido.

Nesse aspecto, concordo com Possenti (1996, *apud* Doretto e Beloti, 2011), quando defende que o domínio de uma língua resulta de práticas efetivas, significativas e contextualizadas. Aprender exige contato com a língua em situações nas quais ela realmente funciona, permitindo que o estudante compreenda seus usos e desenvolva recursos para se expressar.

Essa compreensão reforça a importância de um ensino de língua portuguesa que reconheça os conhecimentos que os estudantes já possuem e, a partir deles, amplie suas possibilidades de comunicação. Não se trata de deixar de ensinar a gramática ou as convenções

da escrita, mas de compreender que esse ensino precisa dialogar com as experiências sociais e culturais da turma. A escola deve oferecer acesso a diferentes formas de linguagem, sem deslegitimar as vozes que os estudantes trazem de suas comunidades.

Pensando na minha futura prática docente, pretendo trabalhar a linguagem e a interação a partir de situações próximas da realidade dos meus alunos, trazendo suas vivências para dentro da escola. Quero desenvolver atividades que favoreçam tanto a oralidade quanto a escrita, permitindo que conheçam formas de expressão mais formais, ampliem o vocabulário e aprendam a se comunicar em diferentes contextos. Nesse percurso, não pretendo ignorar as expressões linguísticas regionais, pois reconhecê-las também significa valorizar a cultura, a identidade e a história de cada estudante. Ensinar a Língua Portuguesa, para mim, será ampliar caminhos para que cada um possa se expressar, sem precisar abandonar a própria voz para aprender outras formas de dizer.

Referência

DORETTO, Shirlei Aparecida; BELOTI, Adriana. Concepções de linguagem e conceitos correlatos: a influência no trato da língua e da linguagem. *Encontros de Vista*, v. 8, n. 2, p. 79-94, 2011. Disponível em: https://journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4470/482484192 Acesso em 07/04/2026

LUIZA MIRELLE LOPES DO NASCIMENTO

Uma sala de aula cheia de pessoas

No começo do semestre, nossa professora nos pediu para separar um caderno. Não seria um caderno comum, daqueles destinados apenas a copiar conteúdos e responder atividades. A proposta era que ele tivesse um pouco de nós: pensamentos, desenhos, rabiscos, lembranças e tudo aquilo que as aulas despertassem em nós.

No dia 6 de outubro, na sala 306 da Universidade Federal da Paraíba, durante a disciplina Linguagem e Interação, ministrada pela professora Patrícia Rosas, estavam previstas apresentações de seminários sobre os textos estudados. Antes de iniciá-las, porém, a professora retomou uma proposta feita na aula anterior, em 29 de setembro: levar algo que nos fizesse lembrar de alguém ou de alguma coisa especial. Parecia uma atividade simples, mas descobrimos que objetos aparentemente pequenos podem guardar sentimentos enormes.

Eu levei um desenho que ganhei de uma aluna durante minha experiência em sala de aula. Para quem olha de fora, pode ser apenas uma folha com traços simples. Para mim, representa uma lembrança muito especial de um momento da minha caminhada. Era um coração pintado de vermelho, com a frase "Eu te amo, tia!" escrita dentro dele. Talvez aquela criança nem imagine o significado que seu desenho tem para mim, mas ele continua guardado como uma recordação de por que escolhi estar na educação.

Essa experiência me fez pensar nas ideias apresentadas por Keske (2004), no texto *Dos sujeitos enunciadores e seus contextos dialógicos: Bakhtin e seu outro*. Ao discutir o pensamento de Bakhtin, o autor explica que a linguagem se constrói nas relações entre as pessoas e que nossas palavras são atravessadas pelas palavras e experiências dos outros. Como afirma Keske ao apresentar essa concepção, a palavra está "sempre perpassada pela palavra do outro". Percebi, então, que até mesmo um desenho pode carregar uma história e comunicar sentimentos que nem sempre conseguimos expressar verbalmente.

O texto de Keske (2004) discute a enunciação, o sujeito e o dialogismo a partir das ideias de Bakhtin. Ao tratar da compreensão, o autor retoma a afirmação de Bakhtin e Voloshinov de que "qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo; deve conter já o germe de uma resposta" (Bakhtin/Voloshinov, 1997, *apud* Keske, 2004, p. 10). Essa reflexão ganhou sentido durante a atividade, pois, ao escutarmos as lembranças dos colegas, não permanecíamos apenas como ouvintes. As histórias nos mobilizavam, despertavam sentimentos e nos convidavam a pensar sobre nossas próprias experiências.

À medida que cada pessoa começava a contar sua história, percebíamos que ninguém havia levado apenas um objeto. Cada lembrança carregava um pedaço de vida, com suas conquistas, dificuldades, esperanças e saudades. Vieram as lágrimas, os silêncios e aquela emoção que surge quando encontramos, na experiência de outra pessoa, sentimentos que também conhecemos.

Uma das histórias que mais me marcou foi a de Isabel, uma mãe que também é universitária. Ela falou sobre a dificuldade de lutar por um futuro melhor enquanto, muitas vezes, sente que está perdendo momentos importantes da vida da filha. Uma de suas falas ficou especialmente guardada em mim. Isabel contou que a menina pergunta se ela realmente precisa sair para ir à faculdade, se não poderia ficar em casa brincando de boneca com ela.

Essa pergunta me fez perceber de forma ainda mais concreta que a decisão de estudar também envolve renúncias e sentimentos que nem sempre enxergamos quando encontramos uma colega sentada na sala de aula. Imagino quantas vezes ela precisou seguir em frente com o coração apertado, dividida entre o cansaço, a culpa e o desejo de não desistir. Sua história me fez pensar em tantas pessoas que

continuam lutando, mesmo quando o caminho parece pesado demais. Ainda que eu não vivencie exatamente a mesma realidade, consegui me aproximar de seus sentimentos e compreender que ouvir alguém é também buscar enxergar o mundo a partir de sua experiência.

Keske (2004), ancorado em Bakhtin, diz que o "eu" se constitui na relação com o outro. Portanto, não somos formados apenas por aquilo que vivemos individualmente, mas também pelos encontros, pelas palavras que escutamos e pelas experiências que compartilhamos. Naquela aula, cada pessoa trouxe sua própria história e, ao dividi-la com a turma, permitiu que os demais se aproximassem de sua realidade. As lembranças ganharam novos significados nesse encontro. O desenho que levei continuava o mesmo, mas passei a enxergá-lo também como parte de algo maior: uma sala cheia de pessoas que, cada uma à sua maneira, estavam tentando construir um futuro.

Para minha futura prática docente, levo principalmente a importância de escutar e acolher. A atitude da professora Patrícia, que percebeu a necessidade de abrir espaço para as histórias da turma mesmo tendo outra atividade planejada, mostrou-me que ensinar também exige sensibilidade. Quero me lembrar de que cada criança tem sentimentos, vivências e maneiras próprias de se expressar. O desenho que recebi da minha aluna me ensinou a valorizar os pequenos gestos, enquanto aquela aula reforçou o quanto a escuta respeitosa pode mudar nossa maneira de compreender o outro.

No fim, fiquei pensando que talvez aquele caderno não fosse feito apenas de papel, anotações de textos e palavras, mas também das histórias que compartilhamos, dos sentimentos que despertamos uns nos outros e das marcas que deixamos, mesmo sem perceber. Assim como nossas palavras carregam outras vozes, nossas experiências também se transformam quando entram em contato com as de alguém.

A educação não acontece somente quando uma professora explica um conteúdo e os alunos aprendem. Ela também se faz presente quando há espaço para falar, escutar e reconhecer a humanidade de cada pessoa. Naquela aula, o texto de Keske (2004) deixou de ser apenas uma leitura teórica e passou a fazer sentido na experiência que vivemos juntos. Percebi que a riqueza do nosso caderno não estaria necessariamente na quantidade de páginas preenchidas, mas nas descobertas que ele nos proporcionaria sobre nós mesmos e sobre aqueles que caminham ao nosso lado. Afinal, não levamos apenas lembranças para a sala. Levamos partes de nossas vidas e permitimos que elas se encontrem. Quando compartilhamos nossas histórias, damos ao outro a oportunidade de nos compreender e, ao mesmo tempo, permitimos que suas experiências também transformem a maneira como enxergamos o mundo.

Referência

KESKE, Humberto Ivan. *Dos sujeitos enunciadores e seus contextos dialógicos*: Bakhtin e seu outro. Disponível em: https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/134537311562961721360728023747328257436.pdf. Acesso em: 10.10.2026.

MARIA EDUARDA DE ALMEIDA ARAÚJO

Uma florzinha vermelha

No dia 06 de outubro de 2026, tivemos uma aula intitulada “Sobre o outro”, inspirado nas ideias de Bakhtin que se tornou uma das experiências mais significativas da minha trajetória na universidade. Foi uma aula diferente das que estamos acostumados, pois, naquele momento, o mais importante não era estudar um conteúdo específico, mas compartilhar histórias, ouvir experiências e conhecer um pouco mais sobre as pessoas que convivem conosco. A proposta da atividade era escolher algo que nos fizesse lembrar de outra pessoa, colar essa lembrança no caderno e falar sobre seu significado. Escolhi uma florzinha vermelha, que tem um significado muito especial para mim. Sempre que meu irmão encontra essa flor, costuma dizer que me ama e me dar uma. Pode parecer um gesto simples, mas se tornou uma lembrança muito carinhosa, que representa o amor entre nós e me faz lembrar dele com afeto.

Depois desse primeiro momento, começamos a ouvir os relatos dos colegas, e foi aí que a atividade ganhou ainda mais significado. Cada pessoa tinha uma história diferente para contar, algumas relacionadas à família, outras a pessoas importantes e a momentos marcantes de suas vidas. Foi interessante perceber que, por trás de cada objeto ou lembrança, havia sentimentos e histórias que conhecíamos. Enquanto escutava os colegas, percebi que não estávamos apenas apresentando algo que nos remetia a outra pessoa, mas compartilhando partes de nossas vidas. Alguns relatos emocionaram bastante e fizeram com que a turma se envolvesse de maneira diferente naquele momento. Foi uma aula em que tivemos a oportunidade de falar, mas também de aprender a ouvir, respeitando as experiências e os sentimentos de cada um.

Essa experiência me fez refletir sobre como, muitas vezes, convivemos diariamente com as pessoas sem conhecer suas histórias, suas dificuldades ou os pequenos acontecimentos que possuem grande significado em suas vidas. Um gesto simples, uma palavra ou até mesmo uma flor pode representar muito mais do que imaginamos. A atividade também me fez perceber a importância de dar espaço para que o outro fale, sem julgamentos ou sem minimizar aquilo que considera importante. Ouvir os relatos dos colegas foi uma maneira de conhecê-los melhor e compreender que cada pessoa carrega experiências que merecem ser acolhidas e respeitadas.

Pensando na minha formação como futura professora, considero que essa aula trouxe uma reflexão importante sobre as relações que construímos no ambiente educativo. Muitas vezes, a escola dá maior atenção aos conteúdos e às atividades, deixando em segundo plano as histórias e os sentimentos dos estudantes. Entretanto, cada criança chega à escola trazendo suas próprias experiências, sua realidade familiar e sua maneira de enxergar o mundo. Por isso, acredito que o professor também precisa desenvolver a capacidade de ouvir e acolher, criando oportunidades para que os estudantes possam se expressar e se sentir respeitados. Essa postura é importante não apenas na relação com as crianças, mas também na maneira como lidamos com as diferenças e com as situações que surgem durante o processo de aprendizagem.

Essa reflexão pode ser relacionada ao pensamento de Hannah Arendt, especialmente às suas considerações sobre a responsabilidade envolvida na educação. Em sua obra *Entre o passado e o futuro*, a autora afirma que "a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele" (Arendt, 2003, p. 247). Essa ideia me faz pensar que educar também significa reconhecer a importância das pessoas e assumir o compromisso de participar da formação de novos sujeitos. A aula sobre o outro me ajudou a compreender que a educação não acontece somente quando ensinamos determinado conteúdo, mas também nas relações que estabelecemos, nas experiências que compartilhamos e na disposição que temos para compreender quem está ao nosso lado.

Ao final daquela aula, fiquei com a sensação de que havia aprendido algo que ultrapassava a própria atividade. A florzinha vermelha já tinha um significado especial para mim, mas, depois de ouvir tantas histórias, passei a olhar de outra maneira para as pequenas lembranças que as pessoas guardam. Percebi que não precisamos viver a mesma experiência para compreender o significado que ela tem para alguém. Como futura professora, quero levar comigo esse aprendizado e lembrar que cada estudante tem uma história que merece ser conhecida e respeitada. Ensinar também é aprender a olhar para o outro, reconhecer suas particularidades e compreender que, antes de qualquer conteúdo, existem pessoas.

Referência

ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 221-247.

KESKE, Humberto Ivan. *Dos sujeitos enunciadores e seus contextos dialógicos*: Bakhtin e seu outro. Disponível em: https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/134537311562961721360728023747328257436.pdf. Acesso em: 10.10.2026.

MARIA EDUARDA GALDINO DO NASCIMENTO

A preservação da face e as nuances da linguagem

Quando a professora de Linguagem e Interação pediu que escolhêssemos um artigo para apresentar, confesso que fiquei um pouco perdida no começo. São tantos textos acadêmicos e tantas teorias que, às vezes, a gente não sabe por onde começar. Foi durante a leitura do artigo de Messias (2020), em 29 de setembro de 2026, sobre estratégias de cortesia para a preservação das faces, que comecei a compreender como aquele conteúdo se relacionava com minha formação e com o tipo de profissional que desejo ser. O texto aborda como utilizamos a linguagem para evitar que nossas palavras magoem o outro, especialmente quando precisamos fazer uma crítica ou dar um *feedback*. Essa discussão está muito presente na educação, seja na correção de uma atividade feita por um estudante, seja na orientação de um professor por parte da coordenação pedagógica. As palavras escolhidas fazem toda a diferença, pois é possível oferecer um retorno sincero, apontar o que precisa ser melhorado e, ao mesmo tempo, preservar a confiança e a autoestima de quem o recebe, sem fazer com que se sinta incapaz.

A leitura me fez pensar no tipo de profissional que quero ser. Desejo atuar como coordenadora pedagógica e sei que essa função exige sensibilidade e cuidado na maneira de se comunicar. Vou trabalhar com professores que têm suas próprias histórias, angústias, cansaços e sonhos. Se assumir uma postura autoritária, apontando falhas sem considerar o outro, posso criar barreiras em vez de construir pontes. Por outro lado, se souber utilizar estratégias de cortesia, como reconhecer os aspectos positivos do trabalho antes de sugerir mudanças, poderei contribuir para relações mais saudáveis e para um diálogo mais produtivo. Compreendi também que a maneira como falamos ou escrevemos revela muito sobre o respeito que temos pelas pessoas. Não se trata de ser falsa, esconder problemas ou evitar dizer a verdade, mas de encontrar formas de expressar o que precisa ser dito sem ferir a dignidade de ninguém. Esse cuidado deve estar presente em um *feedback* escrito, em uma reunião de equipe ou até mesmo em uma conversa informal pelos corredores da escola. A cortesia não é um detalhe, mas uma importante ferramenta de trabalho para quem lida diariamente com pessoas.

Uma das questões que mais me chamou a atenção no artigo foi o conceito de face. O autor explica que todos temos uma face positiva, relacionada ao desejo de sermos aceitos, reconhecidos e valorizados, e uma face negativa, ligada à necessidade de preservar nossa autonomia, nosso espaço e nossa liberdade de escolha. Quando recebemos um *feedback* muito direto, sem cuidado na abordagem, essas faces podem ser ameaçadas, fazendo com que nos sintamos desvalorizados, constrangidos ou pressionados. Entretanto, o uso de estratégias de cortesia, como formular perguntas em vez de fazer afirmações impositivas ou reconhecer aspectos positivos antes de apontar algo que precisa ser revisto, pode tornar essa interação menos desconfortável, sem comprometer a clareza do que se pretende comunicar. Essa reflexão me fez lembrar de situações que vivi na escola, quando ainda era aluna. Tive professores que corrigiam de maneira tão dura que sentíamos vergonha de perguntar novamente, mas também conheci aqueles que nos orientavam com tanto carinho que saíamos da conversa motivados a melhorar. A diferença não estava necessariamente no que era dito, mas na maneira como a correção era conduzida. O artigo me ajudou a compreender que essa postura não depende apenas da personalidade de cada professor, pois também envolve conhecimentos e estratégias que podem ser aprendidos e colocados em prática conscientemente.

Pensando na minha formação como pedagoga, percebo que essa habilidade será essencial. Aprendemos sobre currículo, metodologias, planejamento e avaliação, mas nem sempre refletimos com a mesma atenção sobre como nos comunicamos com as pessoas. A comunicação é parte fundamental do trabalho educativo, pois não basta ter um bom planejamento ou conhecer diferentes estratégias de ensino

se não soubermos dialogar, ouvir nossos colegas e oferecer orientações que realmente contribuam para o seu crescimento. Quero ser uma coordenadora que olha nos olhos, escuta de verdade e oferece orientação pensando no bem-estar da equipe, reconhecendo que, por trás de cada professor, existe uma pessoa que enfrenta desafios e se esforça para fazer o melhor possível. Essa pessoa merece ser tratada com respeito e gentileza, inclusive quando precisa rever suas práticas ou compreender que algo não está funcionando como deveria. O artigo de Tiago Messias apresenta exemplos de estratégias utilizadas pelos formadores, como vocativos, perguntas retóricas e modalizações, que ajudam a construir uma comunicação mais acolhedora. Ao conhecer esses recursos, imaginei como gostaria de me comunicar com os professores que estiverem sob minha orientação, fazendo com que minhas intervenções sejam percebidas como possibilidades de reflexão e crescimento, e não como julgamentos sobre sua capacidade profissional.

Sei que colocar esses conhecimentos em prática nem sempre será fácil. Na correria do cotidiano escolar, diante de tantas demandas e responsabilidades, podemos acabar nos comunicando de maneira automática, sem perceber o efeito que nossas palavras provocam. É justamente por isso que quero levar esse aprendizado comigo, como um lembrete de que a educação se faz com pessoas e que as relações humanas exigem cuidado, escuta e respeito. A linguagem, nesse contexto, é uma das formas pelas quais podemos demonstrar esse cuidado, fortalecer vínculos e contribuir para que o outro se sinta acolhido e encorajado a aprender.

Ao pensar nos meus objetivos como pedagoga, percebo que, além de aprender a planejar aulas, avaliar aprendizagens e coordenar uma equipe, preciso também aprender a usar as palavras com sabedoria. Quero ser uma coordenadora que constrói pontes, que compreende a importância de preservar as faces e que contribui para tornar o ambiente escolar mais leve, respeitoso e humano. A leitura desse artigo ficará como uma referência para minha atuação, não apenas pelo conhecimento teórico que me proporcionou, mas pela reflexão sobre a profissional que desejo me tornar. Afinal, a educação acontece no encontro entre pessoas, e a maneira como nos comunicamos pode transformar esse encontro em uma experiência de acolhimento, confiança e aprendizagem.

Referência

MESSIAS, T. Estratégias de cortesia para a preservação das faces: uma breve análise de feedbacks veiculados em ambientes virtuais de aprendizagem. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 20, n. 1, p. 32-42, jan./abr. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n1p32-42. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1CtaZ97zq_LKAJvCgW50MSWi4xXw8ZxTn/view?usp=drive_link Acesso em 22/03/2026.

MARIA ISABEL ALVES DA SILVA

Entre a vontade de falar e a importância de escutar

Cheguei à Universidade no dia 22 de setembro de 2026, bastante cansada, em decorrência da correria cotidiana e das demandas relacionadas ao trabalho. Apesar do cansaço, precisava participar da aula do componente curricular Linguagem e Interação, na qual um grupo de colegas conduziria um debate sobre o tema "Conhecimento linguístico e gramatical". A metodologia adotada pela professora Patrícia Rosas consistia na construção de um caderno de memórias, que deveria ser alimentado a cada aula com registros das experiências, reflexões e aprendizagens construídas ao longo do componente. Mesmo diante do desgaste do dia, compreendi a importância de estar presente e participar daquele momento formativo.

Iniciamos a aula retomando a atividade proposta no encontro anterior, que consistia em assistir ao curta-metragem *O menino que lia cartas*. A produção despertou meu interesse e provocou diferentes reflexões, principalmente por abordar o poder da palavra, da leitura e da comunicação, além das dificuldades enfrentadas por pessoas que não dominam a leitura e a escrita. Durante a discussão coletiva, fomos convidados a compartilhar nossas percepções sobre a obra. Fiquei bastante entusiasmada para contribuir com minhas opiniões e, envolvida pela empolgação do debate, acabei interrompendo a fala de uma colega, tomando seu turno antes que ela concluísse o raciocínio. A situação desencadeou outras interrupções, e, em poucos instantes, diferentes participantes passaram a falar simultaneamente, comprometendo a escuta e a continuidade da discussão.

Inicialmente, não percebi aquele acontecimento como algo relacionado a um conceito específico da linguagem. Entretanto, após a discussão sobre o curta-metragem, iniciou-se a apresentação do grupo 2, que abordava questões relacionadas ao ensino da língua e da gramática, suas diferentes concepções e teorias. Para minha surpresa, um dos textos apresentados tratava justamente do fenômeno que havia ocorrido minutos antes em nossa própria discussão, a interrupção ou o chamado assalto ao turno de fala. Foi curioso perceber que uma situação tão espontânea, vivenciada por nós em sala de aula, estava diretamente relacionada a um conceito que seria discutido naquele mesmo encontro.

Esse momento chamou especialmente minha atenção porque pude reconhecer, na prática, um fenômeno linguístico que estava sendo estudado teoricamente. Uma das integrantes do grupo explicou que o assalto ao turno pode apresentar diferentes intenções e significados dentro de uma interação. A interrupção nem sempre acontece com o propósito de desrespeitar ou silenciar o outro. Em determinadas situações, pode representar uma tentativa de colaborar com a fala, complementar uma ideia, demonstrar concordância ou contribuir para o desenvolvimento da conversa. Por outro lado, também pode assumir um caráter negativo quando impede que o interlocutor conclua seu pensamento ou desconsidera seu espaço de fala. Essa explicação me fez perceber que uma mesma atitude pode adquirir diferentes sentidos, dependendo das circunstâncias em que ocorre, das intenções dos interlocutores e da maneira como é recebida por quem teve sua fala interrompida.

Nesse sentido, a discussão apresentada na aula dialogou com a reflexão de Kerbrat-Orecchioni, retomada por Santana (2018), ao abordar os efeitos da interrupção sobre o interlocutor e sua participação na interação. Tal fenômeno, definido por Kerbrat-Orecchioni (2006) como interrupção, ocorre quando um falante toma a palavra enquanto seu interlocutor ainda não finalizou o seu turno, o que pode ocorrer de forma voluntária ou não. Ela defende que "interromper o outro é lhe cortar a palavra, é, portanto, lesar seu 'território' e ameaçar sua face" (Kerbrat-Orecchioni, 2006, p. 49), fazendo uma ressalva de que nem todas as interrupções são

ofensivas ao falante interrompido, pois algumas delas chegam a ser lisonjeiras e cooperativas, ou podem servir de auxílio mútuo nos casos em que o falante interrompido. (SANTANA, 2018).

A partir dessa discussão, fiquei bastante pensativa sobre minha própria atitude durante o debate. Embora não tivesse a intenção de interromper minha colega para silenciá-la ou demonstrar falta de respeito, percebi que minha empolgação em compartilhar ideias acabou interferindo no espaço de fala que lhe pertencia naquele momento. Essa reflexão foi importante para compreender que, em uma situação de diálogo, não basta ter algo a dizer. Também é necessário desenvolver a capacidade de escutar, respeitar o turno do outro e reconhecer seu direito de participar da interação. Às vezes, estamos tão preocupados em expor nossas opiniões que nos esquecemos de que a conversa não se constrói apenas com a nossa fala, mas também com a disponibilidade para ouvir e considerar aquilo que o outro tem a dizer.

Essa aprendizagem me fez recordar situações da minha infância, quando meus familiares se reuniam em casa e minha avó iniciava uma conversa entre os adultos. Muitas vezes, eu tentava expressar minha opinião e ouvia dela a orientação "Criança não pode se meter em conversa de adulto". Naquela época, compreendia a fala apenas como uma regra estabelecida pelos mais velhos, que delimitava os momentos em que eu poderia ou não participar. Entretanto, a discussão realizada na aula me permitiu ressignificar essa lembrança e refletir sobre como as relações de idade também podem influenciar o direito à participação e à expressão, determinando quem tem espaço para falar, quem é ouvido e quais vozes são consideradas importantes em uma interação.

Ao refletir sobre os conceitos de auto seleção e prioridade de fala, compreendi que nem todos os sujeitos possuem as mesmas possibilidades de participar de uma conversa. A idade, as experiências sociais, as condições de comunicação e até mesmo a maneira como alguém se expressa podem influenciar o espaço que lhe é concedido. Essa reflexão tornou-se ainda mais significativa quando relacionada à infância, pois, muitas vezes, as crianças são consideradas incapazes de contribuir com determinadas discussões simplesmente por serem crianças. Entretanto, como destacam Pinto e Sarmento (1997, p. 65), "as crianças têm algum grau de consciência dos seus sentimentos, ideias, desejos e expectativas, que são capazes de expressá-los e que efetivamente os expressam, desde que haja quem os queira escutar e ter em conta.". Essa afirmação ampliou minha compreensão sobre a importância de escutar as crianças, não apenas permitindo que falem, mas reconhecendo que suas expressões, opiniões e experiências possuem significado e merecem ser consideradas.

A partir dessas reflexões, percebi que a aula ultrapassou a discussão sobre os mecanismos de organização da fala e passou a representar uma oportunidade de pensar sobre relações de poder, participação, escuta e respeito. O conhecimento sobre a linguagem também envolve observar nossas próprias práticas comunicativas, reconhecer os efeitos de nossas atitudes e compreender que a maneira como participamos de uma interação pode favorecer ou limitar a expressão do outro. O episódio do assalto ao turno de fala, que inicialmente poderia parecer apenas uma situação cotidiana, tornou-se uma oportunidade de aprendizagem e autocrítica. Desde então, tenho procurado desenvolver uma postura mais atenta durante os diálogos, exercitando a escuta e respeitando o tempo do interlocutor, pois compreendi que o meu direito de falar não deve se sobrepor ao direito do outro de ser ouvido.

Assim, considero que essa aula foi significativa tanto para minha formação pessoal quanto profissional. Como futura pedagoga, compreendi que ensinar a linguagem também significa criar espaços de escuta, participação e diálogo, nos quais todas as crianças possam expressar seus pensamentos, sentimentos e experiências. Pretendo levar essa aprendizagem para minha prática docente, buscando construir uma sala de aula em que a criança não seja apenas aquela que responde quando solicitada, mas um sujeito que possui voz, participa das interações e tem sua fala acolhida e valorizada. Essa experiência reforçou em mim a

compreensão de que formar sujeitos para o diálogo exige, antes de tudo, aprender a escutar com atenção, respeitar os diferentes turnos de fala e reconhecer que o outro também tem algo importante a dizer.

Referência

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). *As crianças:* contextos e identidades. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 33-73.

SANTANA, Rebeca Rodrigues de. *Interrupção/assalto ao turno, o papel do gênero e o efeito cultural*. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v. 18, n. 2, maio/ago. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/CST/Downloads/11088-Texto%20do%20artigo-44001-47452-10-20180831%20(1).pdf. Acesso em: 13 out. 2026.

MARIA SUÊNIA GOMES DE OLIVEIRA

O professor não é entregador de resposta

No dia 29 de setembro de 2026, entre uma apresentação e outra, eu não imaginava que um texto sobre educação dialógica alteritária me faria revisitar uma experiência que ainda carrego comigo, meu retorno à universidade depois de me tornar mãe.

Quando chegou a vez do meu grupo apresentar uma roda de discussão na sala, falamos sobre a relação entre professor e aluno, autoridade, escuta e alteridade. Uma ideia ficou especialmente marcada para mim, a de que "Professor e aluno não têm simetria nesse sentido estrito porque ocupam papéis distintos" (Sobral; Giacomelli, 2020, p. 18). O professor tem seu lugar, sua responsabilidade e sua autoridade, mas isso não significa que sua função se limite a transmitir conhecimentos ou entregar respostas prontas.

Foi durante essa apresentação que surgiu uma frase que falei e que a professora gostou, *o professor não é um entregador de respostas*. Talvez ela tenha chamado a atenção justamente por traduzir algo que faz sentido para mim, considerando o que vivi e a maneira como passei a compreender a educação.

Ao estudar o texto *Educação dialógica alteritária: uma reflexão*, de Adail Sobral e Karina Giacomelli (2020), encontrei uma ideia que me fez pensar sobre minhas próprias experiências, a afirmação de que "a relação com o outro é a condição de possibilidade da subjetividade" (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020, p. 17). Essa reflexão me ajudou a compreender que nos constituímos nas relações que estabelecemos e que cada encontro pode contribuir para a maneira como pensamos, sentimos e enxergamos o mundo.

Quando voltei à universidade depois de ter minha filha, precisei aprender muita coisa novamente. Não apenas lidar com conteúdos, trabalhos e prazos, mas também encontrar meu lugar naquele espaço. Nesse percurso, encontrei pessoas que me acolheram, colegas e professoras que me ajudaram, me ouviram e compartilharam suas experiências comigo. Aprendia com elas, mas também percebia que minhas próprias vivências poderiam contribuir para outras pessoas. Esse acolhimento fez diferença para que eu continuasse minha trajetória e não desistisse.

Nem todas as experiências, porém, foram marcadas por esse sentimento. Em determinado momento, precisei recorrer a uma segunda instância após ter um pedido indeferido. Foi uma fase difícil, na qual algumas pessoas não conseguiram olhar para a situação para além dos procedimentos e das posições que ocupavam. Senti-me pouco ouvida e compreendida, especialmente por estar tentando retomar minha trajetória acadêmica depois de me tornar mãe. Essa vivência me fez perceber como determinadas decisões e posturas podem repercutir profundamente na vida de alguém, sobretudo quando não consideram as circunstâncias que atravessam sua história.

Ao relacionar essas experiências à leitura, comecei a compreender melhor a importância da alteridade. Os autores mostram que reconhecer o outro implica considerar sua história, suas experiências e sua maneira de compreender o mundo, sem desconsiderar as diferenças que nos constituem. Essa perspectiva me permitiu olhar para o que vivi de outra maneira. O acolhimento que recebi revelou o quanto a escuta pode fortalecer alguém em sua trajetória, enquanto as situações em que não me senti compreendida me fizeram refletir sobre os efeitos da ausência de reconhecimento e sensibilidade nas relações.

Outra discussão do texto que me chamou a atenção foi o papel do professor no processo de aprendizagem. Os autores o apresentam como alguém que orienta, acompanha e cria

condições para que o estudante construa conhecimentos e desenvolva sua autonomia. Uma frase sintetiza essa compreensão, “ensinar não é transmitir, mas ajudar a ver” (Sobral; Giacomelli, 2020, p. 21). Essa ideia ampliou meu olhar sobre a docência, pois me fez perceber que ensinar também exige reconhecer os estudantes como sujeitos que possuem conhecimentos, experiências e diferentes formas de aprender, não sendo apenas receptores daquilo que lhes é apresentado.

Depois dessa leitura e da discussão em sala, consigo olhar para minhas experiências de outra maneira. Percebo que a educação também acontece quando reconhecemos que existe uma pessoa diante de nós, com uma história, dificuldades, expectativas e uma forma própria de enxergar o mundo. A relação entre professor e aluno, portanto, não deve se limitar à transmissão de conteúdos, mas abrir espaço para o diálogo, a participação e a construção de conhecimentos, em um processo no qual ambos podem aprender.

Talvez tenha sido essa a principal aprendizagem que ficou daquela apresentação. Entrei naquela sala para falar sobre um texto, mas saí pensando na professora que quero ser. Uma professora que exerça sua autoridade, mas saiba escutar; que ensine, mas também esteja aberta a aprender; que compreenda sua responsabilidade na condução da aprendizagem sem desconsiderar a participação e as experiências dos estudantes.

Como futura docente, levo comigo a compreensão de que cada estudante chega à sala de aula com uma história que merece ser considerada. Quero construir relações pautadas no diálogo, no respeito às diferenças e na escuta, entendendo que ensinar não significa ter todas as respostas, mas criar possibilidades para que a aprendizagem aconteça. Assim como as pessoas que encontrei contribuíram para que eu continuasse minha trajetória, também desejo ser uma professora capaz de reconhecer, acolher e aprender com aquilo que cada estudante traz consigo.

Referência

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Por Uma Proposta de Educação Dialógica Alteritária. *Línguas & Letras*, *[S. l.]*, v. 21, n. 49, p. http://dx.doi.org/10.5935/1981–4755.20200001, 2020. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24675 Acesso em: 7 abr. 2026.

MARIA VITÓRIA FERREIRA DA SILVA

O texto depois da aula

Tudo começou no dia 6 de setembro de 2026, quando a professora Patrícia Rosas encaminhou o primeiro texto para leitura, o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis. A proposta era que realizássemos a leitura antes do nosso primeiro encontro na disciplina de Linguagem e Interação, que aconteceu no dia 8 de setembro. Naquele momento, ainda não imaginava o quanto aquela narrativa e a aula que teríamos posteriormente despertariam tantas reflexões. Iniciei a leitura acreditando que encontraria uma história relativamente simples, mas, à medida que avançava pelas páginas, percebi que estava diante de um texto muito mais profundo, marcado por questões sociais, desigualdades e conflitos humanos.

O conto começa apresentando algumas das marcas deixadas pela escravidão, especialmente os instrumentos utilizados para castigar e controlar as pessoas escravizadas. Machado de Assis inicia sua narrativa afirmando que "A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais" (Assis, 1906). Entre esses instrumentos, o autor apresenta o ferro ao pescoço, o ferro ao pé e a máscara de folha-de-flandres, utilizados como formas de punição e tortura. Essa introdução me fez perceber a dimensão da violência que fazia parte daquela sociedade e como o sofrimento humano era tratado como algo natural, incorporado à vida cotidiana.

Em seguida, Machado apresenta o ofício de capturar pessoas escravizadas que fugiam de seus senhores, afirmando que "pegar escravos fugidos era um ofício do tempo" (Assis, 1906). É nesse contexto que conhecemos Cândido Neves, também chamado de Candinho, um homem que enfrentava dificuldades para permanecer nos empregos. Segundo o narrador, ele "não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade" (Assis, 1906). Depois de algumas tentativas profissionais, encontrou na captura de pessoas escravizadas uma maneira de conseguir dinheiro. Cândido se apaixona por Clara, com quem se casa, e os dois passam a viver com tia Mônica. A situação financeira da família era difícil. Clara também trabalhava com costura, mas os recursos eram insuficientes para garantir o sustento. Com o nascimento do filho, as dificuldades se intensificaram, e a família passou a enfrentar a possibilidade de não conseguir manter a criança consigo. Preocupada com a situação, tia Mônica aconselhou o casal a entregar o menino à Roda dos Enjeitados. Cândido, porém, resistia à ideia de se separar do filho. A narrativa passa, então, a evidenciar um conflito doloroso entre o desejo de permanecer com a criança e as condições de sobrevivência que ameaçavam a família.

Enquanto acompanhava a trajetória de Cândido, fui conduzida ao encontro dele com Arminda, uma mulher escravizada que havia fugido e estava grávida. A partir desse momento, a história ganhou uma dimensão ainda mais dolorosa. Ao ser capturada, Arminda tentou implorar pela própria liberdade, dizendo "Estou grávida, meu senhor! [...] Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte" (Assis, 1906). Essa passagem me tocou profundamente, pois Arminda tentou fazer Cândido compreender sua situação apelando justamente para um sentimento que ele conhecia, o amor por um filho. Ela buscava despertar nele a empatia e fazê-lo enxergar, para além de sua necessidade financeira, a vida que carregava e o desespero de uma mãe diante da possibilidade de perder a liberdade e o próprio filho.

Entretanto, sua súplica não foi suficiente. O narrador descreve a situação com uma passagem que revela a violência daquele momento, "Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho" (Assis, 1906). A captura terminou com a perda do bebê que

Arminda carregava. Machado de Assis descreve que “O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono” (Assis, 1906). Diante desse desfecho, percebi que o conto expõe duas realidades profundamente desiguais. Enquanto Cândido consegue retornar para casa com o próprio filho, Arminda enfrenta uma perda irreparável, resultado de uma violência que lhe negava até mesmo o direito de decidir sobre sua vida. A narrativa termina com uma frase que evidencia a contradição e a brutalidade daquela sociedade, “Nem todas as crianças vingam” (ASSIS, 1906).

No dia 8 de setembro, durante nosso primeiro encontro com a professora Patrícia Rosas, a leitura ganhou uma dimensão ainda maior. Ela compartilhou conosco sua própria relação com o conto e contou que havia retornado a ele depois de aproximadamente quinze anos. Na primeira leitura, ainda não havia vivido a maternidade. Quando voltou ao texto, já depois de se tornar mãe, passou a enxergar a narrativa sob outra perspectiva. Achei muito significativo ouvir essa experiência, pois percebi como nossas vivências podem transformar a maneira de interpretar uma mesma história, atribuindo-lhe sentidos que talvez não fossem percebidos anteriormente.

Durante a aula, a professora trouxe suas experiências para a discussão e nos proporcionou diferentes reflexões sobre o conto. Não se tratava apenas de identificar os acontecimentos ou compreender o comportamento dos personagens, mas de pensar sobre as questões humanas e sociais presentes na narrativa. Por meio de seu relato, ela nos mostrou que uma leitura pode permanecer conosco durante muitos anos e adquirir novos significados conforme as experiências que vivemos. Essa partilha me fez compreender que não lemos apenas com os olhos, mas também com aquilo que somos, com nossas memórias, sentimentos e tudo o que vivenciamos ao longo da vida.

As discussões em sala fortaleceram minha compreensão de que a história de Arminda não poderia ser vista apenas como um episódio isolado do passado. Ao ouvir as reflexões e acompanhar as diferentes interpretações, percebi que a desvalorização e a violência contra as mulheres têm raízes históricas profundas. Durante muito tempo, elas foram tratadas como propriedades, privadas de direitos e impedidas de decidir sobre seus próprios corpos e destinos. No contexto da escravidão, essa violência assumia proporções ainda mais cruéis, retirando de Arminda até mesmo a possibilidade de viver sua maternidade e proteger o filho que carregava.

Outro aspecto que me chamou a atenção foi perceber como algumas dessas questões ainda atravessam a sociedade atual. Embora estejamos em outro contexto histórico, muitas mulheres continuam enfrentando abandono, violência e pressão psicológica. Há mães que não encontram condições para sustentar seus filhos e crianças que crescem em ambientes marcados por conflitos e sofrimento. Não se trata de equiparar essas realidades à escravidão, mas de reconhecer que desigualdades e violências ainda persistem e precisam ser enfrentadas. A aula me levou a questionar quantas mulheres continuam lutando para serem ouvidas, respeitadas e reconhecidas em seus direitos e escolhas.

Ao relacionar essa experiência com minha formação em Pedagogia, compreendi algo que considero essencial para a professora que desejo me tornar, não podemos olhar para uma criança sem considerar a história e a realidade em que ela está inserida. A infância não está dissociada das condições sociais, familiares e emocionais que atravessam a vida de cada criança. Quero desenvolver um olhar atento e sensível, capaz de perceber situações que muitas vezes não são expressas em palavras, reconhecendo que, por trás de cada criança, existe uma família, uma história e, muitas vezes, dificuldades que desconhecemos. Essa compreensão exige que a escola esteja atenta não apenas ao processo de aprendizagem, mas também às condições em que cada estudante vive e se constitui como sujeito.

Levo dessa experiência o compromisso de não naturalizar situações de violência, desigualdade e desrespeito. Na minha prática docente, quero contribuir para a construção de um ambiente em que as crianças sejam acolhidas, respeitadas e tenham seus direitos reconhecidos.

Compreendo também que a escola possui um papel importante na formação de sujeitos conscientes, que aprendam desde cedo sobre respeito, igualdade, empatia e dignidade humana. A história de Arminda me fez perceber que educar não se resume a transmitir conteúdos ou ensinar a ler e escrever, mas também envolve formar pessoas capazes de reconhecer o outro, questionar injustiças e compreender que nenhuma vida deve ter sua dignidade violada.

A experiência compartilhada pela professora Patrícia Rosas também me trouxe uma reflexão sobre a docência. O professor não precisa apenas apresentar conteúdos, mas criar oportunidades para que os estudantes se envolvam com aquilo que estão aprendendo. A maneira como ela trouxe sua própria história para a discussão fez com que o conto se aproximasse de nossas experiências e despertasse reflexões que talvez não surgissem em uma leitura realizada apenas para cumprir uma atividade. Como futura professora, quero valorizar as experiências dos meus alunos, escutar suas percepções e reconhecer que cada pessoa constrói sentidos a partir daquilo que vive. Acredito que quando o professor se permite compartilhar suas experiências e estabelece relações entre o conhecimento e a vida, a aprendizagem ganha significado e se torna capaz de nos mobilizar para além da sala de aula.

Ao recordar toda essa experiência, percebo que meu olhar esteve ao lado de Arminda desde o primeiro contato com o conto. Em nenhum momento consegui me colocar do lado de Cândido, embora compreendesse as dificuldades financeiras que ele enfrentava. Para mim, havia uma diferença muito grande entre os dois, pois Cândido ainda dispunha de possibilidades de escolha, enquanto Arminda não tinha sequer o direito de decidir sobre o próprio corpo e o destino do filho. Minha identificação com ela também está relacionada ao fato de ser mulher e ao desejo de ser mãe futuramente. Durante a leitura, imaginei o medo, a angústia e a dor de alguém que, mesmo diante de tamanha violência, tentava proteger a vida que carregava. Pensar nessa situação me tocou profundamente e tornou a experiência de leitura ainda mais intensa.

Quando a aula terminou, percebi que as reflexões continuariam comigo. Permaneci pensando na história, na experiência compartilhada pela professora Patrícia Rosas e, principalmente, em Arminda. Um misto de sensações e emoções me acompanhou depois daquele encontro. Não foi apenas mais uma leitura ou uma atividade acadêmica, mas uma experiência que me fez olhar para a maternidade, para a condição da mulher, para a infância e para minha responsabilidade como futura professora de maneira mais sensível. Existem textos que ultrapassam as páginas e permanecem em nós mesmo depois que a aula termina. *Pai contra mãe* foi um deles. Levo comigo a história de Arminda e o desejo de exercer a docência com humanidade, sensibilidade e compromisso com a vida e a dignidade do outro.

Referência

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: ASSIS, Machado de**.** *Relíquias de casa velha*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf. Acesso em: 19 abr. 2011. (Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1906).

MARIANA DE PONTES SILVA

O desconforto da literatura

A aula do dia 8 de setembro foi uma daquelas experiências em que percebi que a leitura pode despertar sentimentos e questionamentos que permanecem mesmo depois que o texto termina. Nesse dia, durante a leitura coletiva do conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, acompanhamos uma narrativa que me fez refletir sobre questões que vão muito além da história apresentada. À medida que a leitura avançava, percebi que não estava apenas conhecendo os acontecimentos e os personagens, mas também sendo provocada pelas situações que surgiam. Foi uma experiência que me fez olhar para a literatura de outra maneira.

Durante a leitura, acompanhamos a história de Cândido Neves, um homem que, diante das dificuldades financeiras e da necessidade de sustentar sua família, passa a trabalhar capturando pessoas escravizadas que fugiam em busca da liberdade. Inicialmente, a situação de pobreza do personagem pode despertar certa compreensão, pois ele também enfrentava dificuldades para garantir o sustento do próprio filho. Entretanto, à medida que a narrativa avançava, comecei a perceber as contradições presentes em suas atitudes.

O momento que mais me marcou foi o desfecho da narrativa. Cândido consegue capturar Arminda, uma mulher escravizada que também estava grávida e implorava para não ser levada de volta ao cativeiro. Mesmo diante do sofrimento dela, ele não desiste da recompensa. A consequência é ainda mais dolorosa quando descobrimos que Arminda perde o bebê. Enquanto Cândido retorna satisfeito por ter conseguido salvar o próprio filho, outra mãe precisa enfrentar uma perda irreparável.

Uma frase do final do conto ficou especialmente marcada para mim: “Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (Assis, 1992, p. 667). Ao chegar a esse trecho, fiquei incomodada com a naturalidade com que o personagem parece aceitar o sofrimento de Arminda. Fiquei pensando em como ele conseguia demonstrar tanto amor pelo próprio filho e, ao mesmo tempo, ignorar a dor de outra mãe. Foi nesse momento que percebi que a história não tratava apenas da sobrevivência de uma família, mas também da desumanização de outras pessoas em uma sociedade que considerava algumas vidas menos importantes que outras.

Essa leitura me fez refletir sobre como as condições sociais podem influenciar as escolhas humanas, mas também sobre os limites das justificativas que utilizamos para nossas atitudes. Cândido enfrentava a pobreza, mas Arminda também era vítima de uma realidade muito mais cruel, na qual sequer tinha o direito de decidir sobre a própria vida. O que mais me inquietou foi perceber que, para garantir a sobrevivência de seu filho, ele contribuiu diretamente para o sofrimento e a perda de outra família.

Saí daquela aula com uma compreensão diferente sobre o papel da literatura. Percebi que não basta acompanhar os acontecimentos de uma narrativa ou identificar seus personagens. É preciso permitir que a leitura nos provoque, estabelecer relações com a realidade e questionar aquilo que, muitas vezes, é apresentado como natural. O conto me fez olhar para uma situação

histórica, mas também pensar em como a desigualdade, a falta de empatia e a desvalorização da vida humana continuam sendo questões que precisam de nossa atenção.

Como estudante de Pedagogia, essa experiência também me fez pensar sobre a professora que desejo ser. Levo comigo a compreensão de que trabalhar com a leitura em sala de aula não deve significar apenas pedir que as crianças leiam um texto e respondam a perguntas sobre ele. É importante criar oportunidades para que expressem suas impressões, compartilhem sentimentos, levantem questionamentos e aprendam a respeitar diferentes perspectivas. A literatura pode ser um caminho para desenvolver a sensibilidade, a empatia e o pensamento crítico desde a infância.

Hoje compreendo que uma história não precisa apresentar respostas prontas para nos ensinar alguma coisa. Às vezes, é justamente o desconforto que ela provoca que nos faz aprender. A aula do dia 8 de setembro me deixou essa reflexão: ler também é aprender a olhar para o outro, reconhecer suas dores e questionar as injustiças que não podemos permitir que sejam naturalizadas. Afinal, se a literatura tem o poder de nos fazer enxergar realidades que antes não percebíamos, como futura professora, quero proporcionar aos meus alunos experiências de leitura que também os ajudem a olhar o mundo com mais sensibilidade e consciência.

Referência

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: ASSIS, Machado de**.** *Relíquias de casa velha*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf. Acesso em: 19 abr. 2011. (Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1906).

MAYZA FELIX CUSTÓDIO

Descobertas sobre a oralidade

Quinta-feira, 8 de outubro de 2026, pela manhã. Estou em casa, em um momento reservado aos estudos da graduação em Pedagogia, quando começo a leitura do texto *Oralidade*, de Beth Marcuschi. Organizo meu material e início a leitura procurando compreender as ideias apresentadas pela autora sobre a linguagem oral e sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Inicialmente, penso na oralidade como algo presente em nossas conversas cotidianas, na maneira como expressamos nossos pensamentos e nos comunicamos com as pessoas. Entretanto, à medida que avanço pelas páginas, percebo que esse assunto envolve muito mais do que simplesmente falar.

Logo no início da leitura, encontro uma explicação que chama minha atenção. A oralidade está relacionada tanto à produção da fala quanto à sua escuta, acontecendo em diferentes situações de interação social (Marcuschi, 2014). Paro por alguns instantes para pensar sobre essa ideia. Percebo que, muitas vezes, estamos tão preocupados em falar e expressar nossas opiniões que esquecemos da importância de ouvir o outro. Essa primeira descoberta começa a modificar minha maneira de compreender a comunicação e seu papel na aprendizagem.

Continuando a leitura, encontro outro aspecto que desperta meu interesse. Beth Marcuschi explica que a oralidade não se limita às palavras pronunciadas, pois também envolve ritmo, entonação, volume, gestos, expressões e outras formas de manifestação. Até mesmo as reações corporais podem influenciar o desenvolvimento de uma interação (Marcuschi,2014). Nesse momento, penso nas crianças em sala de aula. Nem sempre elas conseguem expressar verbalmente tudo o que sentem ou compreendem, mas seus olhares, gestos e atitudes também podem demonstrar curiosidade, interesse ou dificuldade.

Uma das passagens que mais me surpreende aparece quando a autora explica que a criança já chega à escola sabendo falar sua língua materna e interagir em situações do cotidiano. Por isso, simplesmente pedir que ela converse com um colega não significa trabalhar a oralidade como objeto de ensino. Faço uma pausa e volto ao trecho, pois percebo que nunca havia pensado sobre essa questão com tanta atenção.

A autora explica que “a oralidade a ser trabalhada no espaço escolar deve ser, sobretudo, a que favorece o desenvolvimento da proficiência do aprendiz em gêneros orais formais públicos” (Marcuschi, 2014, 1). Essa afirmação me faz compreender que não basta oferecer momentos de conversa entre as crianças. O professor também precisa planejar situações em que elas aprendam a organizar suas ideias, apresentar opiniões, respeitar os momentos de fala e desenvolver uma escuta atenta. Essa descoberta é especialmente importante para minha formação, pois me leva a refletir sobre a diferença entre permitir que a criança fale e realmente ensinar a oralidade.

A partir dessa reflexão, começo a pensar nos conhecimentos que cada criança traz consigo quando chega à sala de aula. Antes mesmo de frequentar a escola, ela já participa de conversas, escuta histórias, expressa desejos e constrói relações com as pessoas ao seu redor. Portanto, o trabalho do professor não deve desconsiderar essas experiências, mas utilizá-las como ponto de partida para novas aprendizagens.

Ao continuar a leitura, encontro exemplos de gêneros orais que podem ser trabalhados nos anos iniciais da escolarização, como a contação de histórias, o debate regrado e a exposição oral. Essas práticas precisam ser ensinadas, tanto em relação à produção quanto à escuta, considerando a situação comunicativa e a organização do que será apresentado (Marcuschi, 2014). Nesse momento, penso nas possibilidades que essas atividades oferecem à educação. Uma contação de histórias, por exemplo, não precisa ser apenas um momento em que as crianças permanecem ouvindo a professora. Elas também

podem recontar a narrativa, compartilhar suas interpretações, ouvir os colegas e participar ativamente da construção de sentidos.

Essa reflexão se relaciona às experiências que venho construindo durante minha formação em Pedagogia, especialmente ao compreender a importância das atividades que incentivam a participação das crianças. Percebo que uma prática pedagógica significativa precisa considerar não apenas os conteúdos que serão ensinados, mas também as oportunidades oferecidas para que os estudantes se expressem, desenvolvam a comunicação e aprendam uns com os outros.

Domingo, 11 de outubro de 2026, à tarde. Chego ao final da leitura e percebo que o texto me fez olhar de outra maneira para algo que está presente em nossa vida todos os dias. A oralidade, que muitas vezes pode parecer uma capacidade que se desenvolve naturalmente, também precisa ser trabalhada intencionalmente na escola. É necessário ensinar a criança a participar de diferentes situações comunicativas, respeitar a vez de falar, ouvir o outro e organizar suas ideias de acordo com cada contexto.

Ao fechar o material, continuo pensando na responsabilidade de quem escolhe a docência. Levo dessa experiência a compreensão de que, em minha futura prática, não quero valorizar apenas as crianças que falam mais ou respondem rapidamente às perguntas. Quero aprender a observar, escutar e oferecer oportunidades para que todos possam participar, respeitando seus diferentes tempos e maneiras de se expressar.

Pretendo desenvolver atividades como rodas de conversa, contação de histórias, recontos e pequenas exposições orais, criando situações em que as crianças possam aprender a falar, argumentar, compartilhar conhecimentos e ouvir os colegas. Também compreendo que minha responsabilidade será mediar esses momentos, orientando a participação e mostrando que a escuta é tão importante quanto a fala.

Termino a leitura levando comigo uma nova compreensão sobre a oralidade e sobre o papel do professor em seu desenvolvimento. Mais do que falar ou responder quando solicitado, aprender a se comunicar envolve participar, escutar, compreender e construir relações com outras pessoas. Como futura professora, quero levar essa aprendizagem para minha prática, reconhecendo que cada criança tem algo a dizer e que cabe à escola criar espaços para que todas as vozes sejam valorizadas.

Fecho o texto, mas a reflexão permanece. Afinal, se a linguagem nos aproxima, precisamos aprender não apenas a encontrar as palavras, mas também a dar espaço para a palavra do outro.

Referência

MARCUSCHI, Beth. Oralidade. In: Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. [S. l.]: UFMG, 2014. Disponível em: https://ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade. Acesso em: 11 out. 2026.

MEIRIELLY RAYANNE PEREIRA DA CRUZ

Escutar também é aprender

No dia 10 de novembro de 2026, uma terça-feira, o dia começou com um amanhecer ensolarado. Acordei cedo, preparei meu almoço e fui trabalhar, como em tantos outros dias. Depois de cumprir minhas responsabilidades, passei no *shopping*, onde encontraria meu noivo. Queria descansar um pouco a mente e me preparar para a apresentação que aconteceria naquela noite, na faculdade.

Escolhi o espaço *office*, onde pude revisar o conteúdo, reler o texto e compreender cada parte com minhas próprias palavras. Minha intenção não era simplesmente decorar, mas entender o assunto para compartilhá-lo com os colegas. Depois de estudar, fiz um lanche e segui para a universidade.

Ao chegar à sala, a professora Patrícia Rosas deu algumas orientações sobre as apresentações e comentou que, posteriormente, teríamos outra conversa sobre o nosso Sarau. Em seguida, a turma se organizou, e nós, que iríamos apresentar, sentamos em formato de meia-lua, na parte da frente da sala. Primeiro, foi apresentado o texto "Oralidade e Escrita", por Raquel Marinho, Vitória Macedo e Mariana Pontes. Depois, foi a vez de "Gêneros discursivos ou tipologias textuais", apresentado por Vítor Emanuel, Mayza Custódio e Roanny Evellyn. Por último, chegou a nossa vez de apresentar o texto "Oralidade", de Beth Marcuschi, comigo, Meirielly, Maria Vitória e Severina Maria. Foi justamente essa apresentação que mais me marcou naquela noite.

Desde que comecei a estudar o texto, senti que havia algo muito interessante nele. Apresentá-lo foi uma experiência agradável, pois, além de compartilhar o conteúdo, eu também aprendia enquanto falava. Procurei explicar as ideias com minhas próprias palavras, e meus colegas demonstraram segurança e conhecimento, transmitindo confiança para toda a turma. Essa experiência me fez perceber que a segurança ao falar está diretamente relacionada à compreensão daquilo que apresentamos.

Uma das coisas que mais chamou minha atenção no texto de Beth Marcuschi foi perceber que a oralidade vai muito além do simples ato de falar. Muitas vezes, pensamos que significa apenas conversar ou apresentar um trabalho, mas a autora apresenta uma compreensão mais ampla: "a noção de oralidade está estreitamente relacionada ao uso da modalidade oral da língua em práticas sociais e discursivas, tanto no que se refere à sua produção, quanto no que diz respeito à sua escuta." (Marcuschi, 2014, p.1).

Essa ideia me fez refletir sobre a importância de saber não apenas se expressar, mas também escutar. Afinal, a comunicação não acontece somente quando alguém fala, mas também quando outra pessoa demonstra atenção, compreende e participa daquela interação.

Após as apresentações, a professora abriu um momento de conversa com a turma. Os colegas demonstraram interesse e participaram trazendo reflexões sobre os textos. Cada contribuição apresentava uma nova maneira de compreender o conteúdo. Enquanto alguns compartilhavam suas percepções, outros ouviam e acrescentavam suas próprias ideias. Foi naquele momento que consegui perceber, na prática, uma das ideias centrais do texto: a

oralidade envolve tanto a fala quanto a escuta, e a aprendizagem também se constrói quando consideramos diferentes pontos de vista.

Essa situação me fez pensar em quantas vezes participamos de uma conversa preocupados apenas com aquilo que queremos dizer, sem dar a devida atenção ao que o outro está falando. Às vezes, ouvimos, mas não escutamos verdadeiramente. Compreendi também que a comunicação não acontece somente por meio das palavras. O tom de voz, os gestos, as expressões do rosto e até mesmo o silêncio podem transmitir sentimentos e significados, exigindo atenção para que possamos compreender o que o outro expressa.

A leitura também me fez pensar sobre minha formação em Pedagogia. Como futura professora, compreendo que a prática pedagógica não deve estar centrada apenas na transmissão de conhecimentos. Ensinar exige diálogo e disponibilidade para reconhecer os saberes e as experiências que cada estudante traz consigo. O professor não ocupa somente o lugar de quem fala e transmite informações, mas também precisa estar disposto a ouvir, observar e aprender com os estudantes. A escuta, portanto, é parte fundamental da relação educativa.

A experiência daquela noite me mostrou que a aprendizagem também se constrói nas trocas, nas contribuições dos colegas e no contato com diferentes maneiras de pensar. Saí da aula com a compreensão de que aprender a falar envolve também saber ouvir, respeitar o espaço do outro e reconhecer que a comunicação se estabelece de diferentes formas.

Foi uma aula que ficou na minha memória não apenas pela apresentação ou pelo conteúdo estudado, mas pelas experiências compartilhadas e pelas aprendizagens construídas coletivamente. Como futura pedagoga e professora, quero levar comigo a sensibilidade de escutar, reconhecer o outro e estar aberta a novos aprendizados, entendendo que ensinar e aprender são movimentos que se entrelaçam e se constroem nas relações.

Referência

MARCUSCHI, Beth. Oralidade. In: Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. [S. l.]: UFMG, 2014. Disponível em: https://ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade. Acesso em: 11 out. 2026.

RAQUEL MARIA MARINHO CASADO

A história de uma flor

Na noite de 6 de outubro de 2026, na sala 306 do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, vivemos, depois de um dia longo, um daqueles momentos que vão além do conteúdo escrito no caderno. Foi uma aula diferente, produtiva e, acima de tudo, humana. A proposta nos convidou a olhar para dentro de nós e, ao mesmo tempo, a enxergar o outro com mais sensibilidade.

A atividade era simples. Cada pessoa deveria colar em uma folha de papel algo que lembrasse um momento especial, uma lembrança importante ou que tivesse algum significado particular em sua vida. Mas, por trás de cada imagem, objeto ou elemento escolhido, havia uma história que nem sempre seria possível conhecer apenas olhando.

Quando chegou o momento de compartilhar, cada colega começou a contar um pouco de si. Aos poucos, aquilo que estava representado no papel ganhou voz, sentimento e significado. Algumas histórias nos emocionaram, outras nos fizeram refletir, e todas nos mostraram que cada pessoa carrega experiências que nem sempre são visíveis para quem está ao seu redor. Mais do que ouvir relatos, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da vida, dos sentimentos e das marcas que cada um traz consigo.

A minha escolha foi colar flores na folha. Eu mesma as recolhi na universidade, e elas tinham um significado muito especial para mim. Para algumas pessoas, poderiam ser apenas flores simples, encontradas pelo caminho. Para mim, representam amor, cuidado e uma das formas mais bonitas pelas quais minha filha mais nova demonstra o que sente por mim.

Com minha filha mais velha, foram poucas as oportunidades de acompanhá-la a pé até a escola, pois, como era longe, geralmente ela ia no transporte escolar. Já com minha filha mais nova, a realidade é diferente. A creche fica perto de casa, e tenho a oportunidade de levá-la caminhando. Nesse percurso tão simples, acontece algo que se tornou muito especial para mim. Ela costuma me entregar flores.

São rosas pequenas, flores brancas, vermelhas ou de outros tipos que encontramos pelo caminho. Às vezes, ela me entrega uma flor na ida para a creche e outra na volta, quando vou buscá-la. Em outros dias, recebo apenas uma, mas isso não diminui o significado do gesto. Ela me entrega o que encontra, com a espontaneidade e o carinho próprios de uma criança, e eu recebo como quem ganha um presente precioso. São flores simples, mas que me fazem sentir profundamente amada.

Foi por isso que escolhi as flores para representar algo importante na minha vida. Ao recolhê-las na universidade, lembrei-me da minha filha, dos nossos caminhos, da maternidade e da beleza de valorizar os pequenos momentos que, muitas vezes, são os que mais nos marcam.

Durante a socialização, chamou minha atenção perceber que outros colegas também associaram as flores a experiências pessoais. Alguns compartilharam lembranças relacionadas à maternidade, ao carinho, a pessoas especiais e a demonstrações de afeto. Embora estivéssemos falando de um mesmo elemento, cada um atribuía a ele um significado diferente, construído a partir de sua própria história. Foi nesse encontro de experiências que a atividade ganhou ainda

mais sentido, pois não existia uma interpretação única ou correta, mas diferentes maneiras de olhar e sentir.

Essa vivência me fez pensar diretamente no texto de Keske (2004), "*Dos sujeitos enunciadores e seus contextos dialógicos: Bakhtin e seu outro"*. Ao discutir as ideias de Bakhtin, o autor nos ajuda a compreender que a linguagem e os sentidos não existem isolados das pessoas e de suas experiências. O significado está relacionado ao contexto em que algo acontece, às relações que construímos e à maneira como cada sujeito vive e interpreta o mundo.

Uma das passagens do texto que mais se relaciona com o que vivenciamos naquela aula afirma que "a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial" (Bakhtin/Voloshinov, 1997, *apud* KESKE, 2004, p. 95). Essa ideia me fez compreender que, ao apresentar uma escolha e contar sua história, cada colega compartilhava muito mais do que um objeto ou uma imagem. Naquele momento, também revelava sentimentos, experiências e significados que faziam parte de sua vida.

Outra passagem que dialoga diretamente com a atividade afirma que "o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto" (Bakhtin/Voloshinov, 1997, *apud* Keske, 2004, p. 106). Essa reflexão ajuda a compreender o que aconteceu com as flores naquela noite. Uma flor pode ser apenas uma flor, mas, quando inserida em uma história, passa a representar amor, saudade, cuidado, maternidade ou a lembrança de alguém especial. Seu significado não estava apenas no objeto, mas nas experiências de quem o escolheu.

Durante a atividade, cada pessoa teve a oportunidade de falar, mas também precisou ouvir. E ouvir, naquele momento, significava mais do que permanecer em silêncio enquanto alguém se expressava. Era acolher uma história sem julgamentos, respeitar sentimentos e reconhecer que existem experiências que desconhecemos, mesmo quando convivemos diariamente com as pessoas. A emoção que tomou conta da turma mostrou que o diálogo também se constrói nos olhares, nos gestos, na atenção e nos silêncios. Nem sempre era necessário dizer algo, pois a maneira como recebíamos cada relato já demonstrava acolhimento.

Como estudante de Pedagogia, essa vivência me levou a refletir sobre o quanto experiências como essa contribuem para nossa formação docente. Quando pensamos em ensinar, costumamos associar a prática pedagógica aos conteúdos, planejamentos, atividades e avaliações, mas reconhecer o outro como sujeito, com uma história, sentimentos e uma realidade própria, também precisa fazer parte desse processo.

Na escola, cada criança chega trazendo muito mais do que uma mochila e seus materiais. Ela traz sua família, suas experiências, seus medos, suas descobertas, suas alegrias e sua maneira particular de compreender o mundo. Por isso, precisamos aprender a olhar para além dos comportamentos e das respostas que nossos alunos apresentam, compreendendo que aquilo que parece pequeno para nós pode representar algo enorme para uma criança. Assim como as flores tiveram significados diferentes para cada estudante da nossa turma, as crianças também atribuem sentidos próprios às experiências que vivenciam. Cabe ao professor criar oportunidades para que essas histórias sejam respeitadas e cada aluno encontre espaço para se expressar.

Acredito que essa prática nos ensina que ser professora não é apenas transmitir conhecimentos, mas também desenvolver a sensibilidade para escutar, observar, acolher e

compreender. Uma sala de aula é formada por sujeitos diferentes, e essas diferenças não devem ser ignoradas, mas reconhecidas como parte do processo educativo. Essa postura também exige que estejamos dispostas a rever nossos julgamentos, pois nem sempre sabemos o que o outro enfrenta, o que o emociona ou o que determinada lembrança representa em sua vida.

No final, percebi que a atividade não foi apenas sobre escolher algo especial e explicar o motivo da escolha, mas sobre permitir que nossas histórias se encontrassem. Cada pessoa levou para aquela folha um pouco de si e, ao compartilhar sua experiência, abriu espaço para que os demais conhecessem outras realidades.

Saí daquela aula pensando nas flores que colei no papel e no carinho que recebo da minha filha nos caminhos até a creche. Para quem olha de fora, podem ser apenas flores encontradas pelo caminho. Para mim, carregam o amor que sinto, o amor que recebo e a beleza de perceber afeto nas coisas mais simples da vida.

A experiência também me deixou uma reflexão importante. Nunca devemos acreditar que conhecemos completamente alguém apenas pelo que vemos. Por trás de cada pessoa existe um contexto, uma história e uma forma particular de dar sentido às coisas. É na relação com o outro, por meio do diálogo e da troca de experiências, que nossos sentidos se constroem e se transformam.

Naquela noite, aprendemos que uma folha de papel pode guardar muito mais do que imagens, que uma flor pode contar uma história inteira e que o silêncio também pode ser uma forma de acolhimento. Compreendi que nossa formação docente não acontece somente nos livros, nas teorias ou nos estágios, mas também nesses encontros que nos ensinam a olhar para o outro com mais humanidade.

Referência

KESKE, Humberto Ivan. *Dos sujeitos enunciadores e seus contextos dialógicos*: Bakhtin e seu outro. Disponível em: https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/134537311562961721360728023747328257436.pdf. Acesso em: 10.10.2026.

ROANNY EVELLYN SANTOS DE OLIVEIRA

A leitura do conto “Pai contra mãe” na sala de aula: um texto que incomoda e faz pensar

A leitura do conto *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis, durante a aula de Linguagem e Interação, foi uma experiência que me fez olhar para o texto literário para além de seu enredo. Antes de iniciar a leitura, não imaginava que uma narrativa sobre a escravidão, escrita em outro período histórico, provocaria reflexões tão atuais sobre desigualdade, responsabilidade e a maneira como construímos nossos julgamentos sobre as pessoas.

Ao longo da leitura e das discussões em sala, acompanhamos a história de Cândido Neves, um homem que, diante das dificuldades financeiras, passa a capturar pessoas escravizadas que fugiam, recebendo recompensas por isso. Inicialmente, a narrativa apresenta as dificuldades enfrentadas por ele para sustentar a família, especialmente após o nascimento do filho. No entanto, conforme avançávamos no texto, percebi que a história não se limitava ao desespero de um pai que queria permanecer com seu filho, mas também revelava uma realidade marcada pela violência, pela desigualdade e pela desumanização de outras pessoas.

Um dos trechos que chamou minha atenção foi a descrição da máscara de folha-de-flandres utilizada como instrumento de punição às pessoas escravizadas. O narrador afirma: “Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel” (Assis, 1906). Essa passagem me causou desconforto, principalmente pela maneira como a crueldade é apresentada, quase como se fosse uma condição necessária para a manutenção da ordem. A reflexão sobre esse trecho me fez pensar em como determinados discursos podem naturalizar a violência e fazer com que situações profundamente injustas sejam vistas como parte da organização social.

Entretanto, foi ao acompanhar a situação de Arminda que minha interpretação da história se tornou ainda mais profunda. Ela também tentava proteger seu filho, mas ocupava uma posição completamente diferente da de Cândido. Enquanto ele buscava garantir a sobrevivência de sua família, Arminda era perseguida, privada de liberdade e submetida à violência de um sistema que não lhe permitia sequer decidir sobre o próprio destino. Essa diferença de condições foi o que mais me marcou, pois passei a olhar não apenas para o desespero de Cândido, mas também para as consequências de suas atitudes na vida de outra pessoa.

Quando Cândido captura Arminda, ele afirma: “Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois?” (Assis, 1906). Essa fala me provocou indignação, pois revela uma inversão de responsabilidades. Arminda é responsabilizada por tentar fugir da escravidão, enquanto a violência praticada contra ela parece ser justificada. Foi nesse momento que compreendi de maneira mais significativa a contradição presente na narrativa. A necessidade de Cândido não deixa de ser real, mas sua luta pela sobrevivência acontece à custa do sofrimento

de uma mulher que também deseja proteger seu filho. A discussão em sala me fez perceber que compreender as circunstâncias de alguém não significa ignorar as consequências de suas ações.

O desfecho da história reforça ainda mais essa reflexão. Arminda perde seu filho, enquanto Cândido consegue permanecer com o próprio bebê. O narrador encerra a narrativa com a frase "Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração" (ASSIS, 1906). A maneira como essa conclusão é construída me fez refletir sobre a indiferença diante da dor do outro e sobre como uma sociedade desigual pode atribuir valores diferentes à vida e ao sofrimento de pessoas diferentes. Foi também nesse momento que o título *Pai contra Mãe* passou a fazer ainda mais sentido para mim. A narrativa evidencia como as condições sociais e as relações de poder interferem profundamente nas possibilidades de cada indivíduo, colocando duas pessoas em uma situação de conflito, mas sem que ambas tenham os mesmos direitos ou condições de escolha.

Essa experiência de leitura me fez pensar também na minha futura prática docente. Trabalhar literatura em sala de aula não deve se limitar à identificação de personagens, acontecimentos ou características de uma obra. É importante que os estudantes tenham espaço para dialogar, questionar, construir interpretações e relacionar aquilo que leem com a realidade em que vivem, sem desconsiderar o contexto histórico e social do texto. Como futura professora, quero proporcionar experiências de leitura que despertem curiosidade, sensibilidade e pensamento crítico, compreendendo que cada estudante pode construir sentidos a partir de suas vivências e que o diálogo pode ampliar e transformar essas interpretações.

Ao final dessa experiência, compreendi que uma leitura significativa não acontece necessariamente quando encontramos uma resposta pronta, mas quando somos provocados a repensar aquilo que inicialmente acreditávamos compreender. *Pai contra Mãe* me fez perceber que a literatura pode nos colocar diante de situações desconfortáveis justamente porque nos convida a enxergar aquilo que, muitas vezes, passa despercebido. Levo dessa aula a compreensão de que ensinar a ler também é criar oportunidades para que os estudantes questionem, dialoguem e reconheçam as diferentes realidades que atravessam uma narrativa.

Referência

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: ASSIS, Machado de**.** *Relíquias de casa velha*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf. Acesso em: 19 abr. 2011. (Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1906).

SEVERINA MARIA DA SILVA JUVÊNCIO

Entre julgar e compreender: um olhar para Cândido e Arminda

Hoje, dia 08 de setembro de 2026, na disciplina de Linguagem e Interação, da professora Patrícia Rosas, lemos coletivamente o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, publicado em 1906 e integrante da obra *Relíquias de Casa Velha*. Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908) nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839. Foi um dos maiores escritores brasileiros e fundador da Academia Brasileira de Letras. Entre suas obras mais conhecidas estão *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*.

Confesso que não conhecia o conto. Por ser meu primeiro contato com ele, imaginei, a partir do título, que se tratava de uma história sobre divórcio ou algo parecido.

Não imaginava que seria uma leitura tão profunda, a ponto de me fazer parar para respirar a cada ponto final. Os parágrafos não eram longos, assim como o conto, mas isso não significa que fosse fácil de entender ou de digerir. Até agora, guardo na memória o trecho que mais me afetou. Quando Cândido, no caminho que o levava à Roda dos Enjeitados, "viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida..." (p. 23).

Pronto. Pensei: agora ele vai entregá-la. Não imaginava que realmente o faria, muito menos de maneira tão trágica. Arminda, a mulher fugida, estava grávida e, em meio a toda aquela situação, perdeu o filho.

Arminda suplicou:

— Estou grávida, meu senhor! (p. 24).

Era sua esperança de fazer com que Cândido a soltasse. Mas Cândido, focado em receber a recompensa e, assim, conseguir ficar com seu filho, respondeu:

— Siga! (p. 24).

Durante a viagem de volta para casa, não consigo parar de pensar na última fala de Cândido:

— Nem todas as crianças vingam... (p. 26).

Não consigo dizer de que lado estou, pois ambos têm suas razões. Ainda assim, nenhum deles consegue me tirar de cima do muro. Os dois queriam ficar com seus filhos. Arminda, como mãe, desejava que seu filho pudesse nascer livre, enquanto Cândido, como pai, queria ter condições de criar o próprio filho.

Esse conto me deixou com muitas reflexões e, sem sombra de dúvidas, com várias perguntas: Será que Cândido, depois do que fez, se sentiu culpado?

Ou será que Arminda, depois de tudo o que passou, conseguiu se recuperar?

Bem, são perguntas para as quais talvez, ou melhor, para as quais nunca terei respostas.

Mas o que aprendi na aula de hoje foi que nem sempre a leitura é para encontrar respostas. Às vezes, é para aprender a olhar. No início, li o conto tentando julgar quem estava certo e quem estava errado. No final, percebi que Machado de Assis não escreveu para que

julgássemos, mas para que sentíssemos o peso de uma escolha. A compreensão que eu tinha no começo era de um texto sobre divórcio. A que levo agora é de um texto sobre desigualdade, desespero e sobre como a falta de escolhas pode levar pessoas a cometer atos terríveis.

O que ficou dessa experiência foi o cuidado com o olhar. Quero ser a professora que escuta antes de julgar, que percebe a dor que ela pode carregar de casa e que entende que, por trás de cada atitude, existe uma história.

Machado me ensinou que, na sala de aula, encontrarei muitos "Cândidos" e muitas "Armindas": crianças e famílias que estão tentando sobreviver como podem. Meu papel não será o de entregar ninguém, mas o de acolher. Se um dia eu tiver que escolher, quero escolher o cuidado. Por isso, essa leitura não terminou na aula. Ela ficou em mim. E é esse olhar que escuta, que espera e que não julga apressadamente que quero levar para a minha prática.

Referência

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: ASSIS, Machado de**.** *Relíquias de casa velha*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf. Acesso em: 19 abr. 2011. (Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1906).

VITOR EMANUEL ARAUJO DE FARIAS

Bakhtin e a escuta alteritária

Na aula do dia 29 de setembro de 2026, acompanhei a apresentação do terceiro grupo da disciplina Linguagem e Interação, conforme o cronograma da professora Patrícia Rosas. Foram discutidos três textos, mas o que mais chamou minha atenção foi *Educação dialógica alteritária: uma reflexão*, de Adail Sobral e Karina Giacomelli (2020). A discussão desse texto se estendeu à aula do dia 06/10/2026, que será o ponto central desta crônica, quando realizamos uma atividade de partilha e reflexão sobre a presença do outro em nossas vidas.

Inicialmente, buscou-se compreender o que é uma educação dialógica alteritária. Para isso, é importante definir dois elementos centrais dessa perspectiva: o dialogismo e a alteridade. Para Sobral e Giacomelli (2020), a educação dialógica acontece quando a sala de aula deixa de ser um espaço restrito à transmissão de conteúdos estáticos e se transforma em um lugar de construção de saberes. Mas como isso acontece? A partir da escuta do professor ou da professora, que passa a enxergar o aluno de maneira horizontal, como coparticipante do processo educativo. Dois elementos ajudam a compreender essa relação: a exotopia e a empatia. A primeira diz respeito à possibilidade de o professor enxergar aspectos que o aluno, a partir de sua própria posição, não consegue perceber; a segunda envolve acolher sua maneira de ser e de pensar. Compreendi essa horizontalidade como uma forma mais ampla de enxergar os alunos, sem reduzi-los a uma visão individualizante ou uniforme.

Outro elemento destacado na educação dialógica é a modulação pedagógica, que ocorre quando o professor ou a professora altera ou adapta os conteúdos a serem transmitidos de acordo com a realidade e as necessidades dos alunos. Um aspecto que me chamou bastante atenção foi a dificuldade de colocar em prática essa perspectiva de atenção às particularidades, diante das condições enfrentadas pelas escolas brasileiras. Como apontam Sobral e Giacomelli (2020, p. 7):

> Deve haver na escola uma escuta alteritária, uma escuta que vê o outro, alunos, colegas etc., como reais coparticipantes de uma interação, considerando-o com empatia e, exotopicamente, respeitando sua maneira específica de ser.

A alteridade, nesse sentido, implica permitir que o outro nos afete e nos transforme, mesmo quando há discordâncias. A escuta alteritária significa reconhecer o outro como coparticipante do processo de interação, acolhendo-o com empatia e respeitando sua maneira de ser.

Essa escuta possibilita um encontro entre as diferenças daqueles que participam do diálogo. Em uma sala de aula, muitas vezes os alunos querem e precisam ser ouvidos, mas nem sempre encontram espaço para isso. Em alguns casos, o professor ou a professora não se permite

ser afetado pelo que o aluno tem a oferecer, mantendo uma postura de detentor absoluto do conhecimento e do controle da sala.

Na aula do dia 29/09, após a apresentação do grupo e as contribuições trazidas a partir da leitura dos textos, a professora iniciou sua explanação. Nesse momento, apresentou diversos conceitos relacionados ao que havíamos discutido durante a exposição. Um deles foi a "preservação de face", que consiste em evitar uma situação que possa causar constrangimento. Outro foi a modalização do discurso, entendida como a adequação da linguagem aos interlocutores e ao contexto, buscando a melhor maneira de se comunicar.

Bakhtin também apareceu nessa discussão sobre a escuta alteritária, relacionada ao ato de conhecer, reconhecer e respeitar as características individuais do outro, em uma atitude de escuta empática. O sujeito só existe em relação ao outro. Os elementos que constituem o outro estão relacionados à subjetividade do sujeito e à intersubjetividade, quando essa constituição passa a se construir nas relações coletivas. Vygotsky também foi mencionado, destacando-se a necessidade de aproximação entre professores e alunos, além do investimento em mais formações para que os docentes possam estabelecer melhores relações com seus estudantes.

No dia 06/10, seria a vez de meu grupo apresentar, mas a aula acabou se encaminhando para algo muito além disso. Naquele encontro, vivenciamos exemplos concretos de escuta alteritária e percebemos, como a professora destacou em diferentes momentos, a máxima de Bakhtin de que só existimos a partir da existência do outro.

Mas como se deu essa mudança de caminho? A professora havia nos passado uma tarefa para realizar em casa. Deveríamos colar algo em nosso caderno que nos lembrasse o outro e escrever, de forma simples, o significado daquilo que havíamos escolhido. Algumas pessoas começaram a compartilhar o que trouxeram. O que seria um breve momento de partilha acabou se tornando um verdadeiro exercício de empatia. Entre risadas e lágrimas, fomos nos aproximando das histórias uns dos outros e nos deixando afetar por elas. Também pudemos perceber o impacto que o outro tem em nossas vidas. A atividade se tornou uma oportunidade de nos aproximarmos e conhecermos melhor as histórias e as lutas de cada um. Foram compartilhadas situações muito alegres, mas também experiências de luto, dor e sofrimento.

A aula se transformou, verdadeiramente, em um momento coletivo. Todos expuseram algo íntimo, e eu não consegui compartilhar em sala o que havia feito. Por isso, vou registrar aqui. Em meu caderno, colei um fio de crochê verde. A princípio, escrevi: "*Esse fio de crochê representa o meu namorado. No começo de nosso namoro ele me apresentou o crochê e continuo fazendo até hoje como uma renda extra. Além disso, também se tornou algo para presentear o outro*". Ao reler minha própria resposta, senti certo incômodo, pois me pareceu que eu estava falando o tempo todo sobre mim e sobre o que havia ganhado com aquilo. Com o decorrer da aula, pude observar e refletir melhor sobre o que havia escrito.

Durante esses momentos de reflexão, lembrei de quando, na noite anterior à aula, estava colando o fio de crochê no caderno. Comecei de forma aleatória, mas, em determinado momento, entre subidas, descidas e um percurso tortuoso pela folha, as pontas do fio se encontraram e eu as colei juntas. Aquela imagem me fez lembrar toda a trajetória do meu relacionamento. Anos atrás, tivemos "um caso", mas eu o magoei profundamente e acabamos nos separando. Durante o tempo em que estivemos afastados, nossos caminhos foram tortuosos, assim como o fio de

crochê sobre a folha do caderno. Passamos por muitas situações ruins e experiências dolorosas, inclusive em outros relacionamentos, mas, no fim, nos reencontramos. Como costumo dizer, nós nos (re)conhecemos, pois tivemos mais uma oportunidade de conhecer um ao outro depois de tantos anos separados. No fim, o fio de crochê não representava apenas meu namorado, mas a história do nosso relacionamento ao longo dos anos.

A atividade proposta se relaciona diretamente com a escuta alteritária, pois, coletivamente, ouvimos experiências individuais que, ao nos afetarem, também se tornaram parte de uma experiência compartilhada. Além disso, houve modulação pedagógica, uma vez que a professora adaptou o encaminhamento da aula ao momento vivido pelos alunos. Destaco, ainda, a educação dialógica, pois a sala se transformou por completo, ultrapassando os limites físicos e alcançando a coletividade da turma, sem deixar de tocar a individualidade de cada estudante.

Segundo Sobral e Giacomelli (2020, p. 15), "a modulação pedagógica envolve um tipo específico de modulação cujo objeto é o conhecimento a ser ensinado de acordo com as características específicas dos alunos." A partir dessa aula, levo para minha formação como futuro pedagogo a importância da escuta. Uma escuta que vá além de ouvir, que acolha a realidade dos alunos e possibilite conexões, sentimentos e aproximações. Espero que, em minha futura prática como educador, consiga incorporar esses aspectos, exercitando uma escuta alteritária e enxergando os alunos como coparticipantes do processo educativo, sujeitos ativos, com suas individualidades e histórias de vida, que precisam ser reconhecidas e respeitadas.

Referência

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Por Uma Proposta de Educação Dialógica Alteritária. *Línguas & Letra***s**, *[S. l.]*, v. 21, n. 49, p. http://dx.doi.org/10.5935/1981–4755.20200001, 2020. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24675 Acesso em: 7 abr. 2026.

VITÓRIA MARIA DE MACÊDO

Uma roda de conversa, muitos aprendizados

Sempre entrei nos conflitos interpessoais e nas relações com as pessoas do meu convívio usando uma espécie de armadura invisível. Na semana anterior àquela aula, em especial, havia passado por desentendimentos com pessoas próximas e me peguei refletindo, com incômodo, sobre meu próprio comportamento: uma postura defensiva, alimentada pelo ego, pela necessidade de ter a última palavra, proteger minha imagem e preparar a próxima resposta antes mesmo que o outro terminasse de falar. Até então, ouvir parecia apenas uma pausa estratégica para formular um contra-argumento ou defender meu ponto de vista.

Essa postura reativa, centrada no próprio ego, que eu reconhecia nas relações pessoais, também se refletia na maneira como encarava a sala de aula e minha futura prática docente. No entanto, foi na noite de terça-feira, 29 de setembro de 2026, durante a aula de Linguagem e Interação, ministrada pela professora Patrícia Rosas, que comecei a questionar essa postura. A aula aconteceu em formato de roda de conversa, reunindo as contribuições da professora e dos colegas em um debate sobre aspectos discursivos e pragmáticos da língua portuguesa.

Em minhas anotações, os conceitos apresentados no quadro e nos textos lidos começaram a se organizar de forma bastante técnica. Ao retomarmos os estudos sobre pragmática e cortesia em Messias (2020), compreendemos a Teoria dos Atos de Fala, de Austin (1990), segundo a qual o ato *locutório* corresponde ao enunciado produzido, o *ilocutório* diz respeito à força do dizer e o *perlocutório*, aos efeitos provocados no interlocutor. Paralelamente, a Teoria das Faces, de Goffman (2012), apresentou a face como um valor social positivo que os sujeitos reivindicam para si nas interações, enquanto Brown e Levinson (1987) discutiram estratégias de cortesia utilizadas para preservar as faces e atenuar conflitos. À primeira vista, parecia apenas um conjunto de teorias sobre como organizar a comunicação e adequar a linguagem para proteger nossa imagem social.

Entretanto, à medida que a roda de conversa avançava, o foco se deslocou da técnica para a ética. Foi quando uma colega, Maria Suênia, citou uma frase que ressoou em mim e em minhas inquietações sobre a docência: "*O professor não é o entregador de resposta*".

Aquela afirmação desarmou meu ego. Ao retomar os conflitos da semana anterior e olhar para minhas próprias atitudes, percebi o quanto estava condicionada à ideia de que interagir ou ensinar significava ter o controle do saber, apresentar verdades prontas e responder a tudo imediatamente. Essa inquietação se conectou à discussão trazida por Sobral e Giacomelli (2020), que retomam Nietzsche para nos lembrar que, no mundo humano, "tudo veio a ser; não existem fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas" (Nietzsche, 2000 *apud* Sobral; Giacomelli, 2020, p. 13). Se o conhecimento está em constante movimento e o professor não é o único detentor da verdade, mas um dos "organizadores dos saberes possíveis, os parceiros mais experientes de Vigotski" (Sobral; Giacomelli, 2020, p. 12), por que insistimos tanto em fazer nossa voz prevalecer?

A resposta ganhou profundidade com a discussão sobre escuta alteritária apresentada por Sobral e Giacomelli (2020). Diferentemente de uma empatia que, muitas vezes, busca compreender o outro a partir de nossas próprias referências, a escuta alteritária é definida pelo GEPEC (2013) como uma "escuta verdadeira do outro, permitir que o outro 'entre em mim e me transforme, mesmo quando não concordo com ele'" (Gepec, 2013, *apud* Sobral; Giacomelli, 2020, p. 5). Trata-se de uma atitude que "vê o outro como real coparticipante de uma interação, com empatia e respeitando sua maneira específica de ser" (Sobral; Giacomelli, 2020, p. 5), acolhendo sua fala sem a necessidade de retrucar ou enquadrá-lo em nossas certezas.

Com a caneta parada sobre o papel, olhei para mim mesma e compreendi que precisava rever minha postura. Reconheci que meu ego muitas vezes me impedia de escutar de verdade, tanto na vida pessoal quanto na acadêmica. Enquanto o outro falava, minha mente já estava ocupada elaborando argumentos, intenções, justificativas e defesas. Eu não estava realmente escutando, mas tentando fazer com que minha própria voz prevalecesse.

Aquela aula foi um divisor de águas e me fez perceber que essa mudança não poderia se limitar às relações pessoais, mas deveria alcançar também minha futura prática docente. Entendi que mediar uma aula não significa centralizar a palavra ou antecipar soluções, mas criar espaços de escuta genuína e estabelecer relações baseadas na cortesia e no respeito às faces dos estudantes. Isso significa planejar momentos de rodas de conversa, propor perguntas que estimulem a reflexão em vez de apresentar respostas impositivas e acolher as dúvidas e os silêncios dos alunos como parte do processo de aprendizagem. Trabalhar o ego deixa de ser apenas uma escolha metodológica e passa a constituir um compromisso ético, pessoal e profissional.

Saí daquela terça-feira à noite sem um roteiro pronto para aplicar no dia seguinte, mas com um compromisso interior. Aprendi que escutar também é um ato de desarmamento. A partir daquela experiência, quero aprender a acolher, antes de responder, o silêncio, as reflexões e as verdades de quem fala comigo, tanto na vida quanto na profissão.

Referência

MESSIAS, T. Estratégias de cortesia para a preservação das faces: uma breve análise de feedbacks veiculados em ambientes virtuais de aprendizagem. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 1, p. 32-42, jan./abr. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n1p32-42. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1CtaZ97zq_LKAJvCgW50MSWi4xXw8ZxTn/view?usp=drive_link Acesso em 22/03/2026.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Por Uma Proposta de Educação Dialógica Alteritária. *Línguas & Letras*, *[S. l.]*, v. 21, n. 49, p. http://dx.doi.org/10.5935/1981–4755.20200001, 2020. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24675 Acesso em: 7 abr. 2026.

O que é necessário compreender é que ninguém tem a verdade. Nós só damos palpites. No momento em que os indivíduos compreendem que suas verdades não passam de palpites, eles ficam mais tolerantes. E é gostoso conversarmos mansamente, cada um ouvindo honestamente o que os outros têm a dizer.

(Rubem Alves, Um céu numa flor silvestre: a beleza em todas as coisas. Campinas: Verus Editora, 2005, p. 107)

fala tu!

